



FLORIANÓPOLIS, OUTUBRO DE 2007
CURSO DE JORNALISMO DA UFSC
ANO XXV - EDIÇÃO ESPECIAL

ZERO

EM REVISTA

**SEJA O DONO DA
VERDADE POR R\$ 30**

**JOÃO CABRAL
MORRE À SEVILHANA**

**ARGILA COM SALIVA?
BARBOTINA?**

**O UPDATE DOS
PERSONAGENS BÍBLICOS**

Revolta da Catraca rivaliza com o Ironman

Tornado e outros 113 cavalos

Psicoses de "Samuzeiros"

Células-tronco de material reciclado



sumário:

PÁGINAS 4 & 5: BARBOTINA, FITA CREPE E TRECHO BÍBLICO, PERFIL DO ARTISTA PLÁSTICO FERNANDO LINDOTE

ESCRITORES E A TEMÁTICA BÍBLICA NO EVANGELHO LITERÁRIO DAS PÁGINAS 6 & 7

TAMBÉM NA 7: JORNALISMO E QUADRINHOS NA RESENHA PALESTINA, UMA NAÇÃO RESGATADA EM DESENHOS

A POESIA DE JOÃO CABRAL DE MELO E A BELEZA ESPANHOLA NAS PÁGINAS 8 & 9 EM MORTE E VIDA SEVILHANA

UMA NOITE COMO SAMUZEIRO EM SAMU 192. QUAL A OCORRÊNCIA?, PÁGINAS 10 & 11

PÁGINAS 12 & 13: ERA LIXO, AGORA É ESPERANÇA. MATERIAL ANTES DESCARTADO VIRA FONTE DE CÉLULAS-TRONCO

A TÉCNICA POLÊMICA QUE USA SANGUE COMO REMÉDIO, NAS PÁGINAS 14 & 15

A ÊNFASE NA FORMA É O CONTEÚDO (E A FORMA) DAS PÁGINAS 16 & 17: MASSA ESTÉTICA E AS REVOLTAS DA CATRACA

O DONO DA VERDADE CONTA NAS PÁGINAS 18 & 19 QUANTO CUSTOU PARA MONTAR SEU JORNAL

PÁGINAS 20 & 21: DENISE, PEDRO E THIAGUS: ALGO EM COMUM E TODO UM RESTO DE DIFERENÇA ANALISA A VIDA DOS TRÊS CADEIRANTES

E NA PÁGINA 22 AS TRÊS VIDAS SÃO DE PROSTITUTAS ENQUANTO A MAIS ANTIGA DAS PROFISSÕES NÃO PERDE A ATUALIDADE

UM CARRO DE 113 CAVALOS E UMA CHARRETE DE UM CAVALO SÓ: O GERENTE, O FAZENDEIRO E A CIDADE, NA PÁGINA 23

NA CONTRACAPA: A CORAGEM DO REPÓRTER QUE PULOU A CERCA E DEU UMA VOLTA PISANDO NO CARTÃO-POSTAL MAIS FAMOSO DE FLORIANÓPOLIS

Muito além do óbvio ululante

Antes de tudo, como qualquer pessoa bem educada, vamos começar nos apresentando. O *Zero* todo mundo já conhece, mas agora estamos *em revista*. Começamos no semestre anterior (sem nome), mas aos poucos veio a percepção de que essa não era a única ausência. Como esta é uma revista feita pelos estudantes de jornalismo da Universidade Federal de Santa Catarina, não temos título algum; não somos nobres, desembargadores, governantes, mestres ou doutores. Nem ao menos somos bacharéis em Jornalismo, pois ainda nos faltam no mínimo mais três semestres até o canudo que nos livra do carimbo de "precário" na carteira de associado da Federação Nacional dos Jornalistas. Mas a confusão de egos foi tanta que surgiu mais uma esperada crise de identidade. Não tínhamos nome e também não tínhamos onde publicar o material produzido para a disciplina de Redação V. O espaço surgiu com a possibilidade de transformar o jornal em revista para a cadeira do *Zero*. A primeira revista do curso de jornalismo da UFSC, que também celebra os 25 anos do Jornal-laboratório. E o desafio valeu à pena.

Somos simpatizantes dos sem-terra, sem-teto, sem-dinheiro (e suas variações: hippies, estudantes universitários, jornalistas), sem-emprego, sem-vergonha-na-cara, sem-nada-para-fazer e todos aqueles em que a falta de algo esteja presente. Idolatramos a ausência do lead, glorificamos a inexistência de uma estrutura narrativa fixa e flertamos com a parcialidade. Tal situação, em que não existem as limitações impostas à profissão no mercado de trabalho, nos torna mentes-livres.

Por isso, você encontrará aqui matérias que estão livres de quaisquer amarras. Elas vão passear pelo movimento do novo jornalismo, mergulhar dentro do universo das reportagens de imersão. Aqui você não encontrará nem Papa nem Pan; fugimos das grandes pautas, e buscamos, sim, histórias das cidades de interior parecidas com os causos contados por nossos avós. Vamos "muito além" dos chavões e do lugar-comum — só nos desculpem a utilização do chavão na afirmação, mas há uma boa explicação (não temos nada contra rimas). O professor que coordenou o nosso trabalho na produção das reportagens no semestre passado é um grande colecionador de manchetes que contenham essa expressão e, portanto, a mesma não poderia faltar.

A revista passeia por realidades multifacetadas. Flerta de considerações estéticas sobre a revolta da catraca até a face interiorana da capital do estado. Ou um olhar local para temas científicos que foram pauta nas grandes publicações do país. Temos de tudo, do importante ao interessante.

Nossa redação, por fim, vai tão longe que alcança um lugar em que com apenas 30 reais no bolso, um cidadão incomum montou o jornal do município. É a cidade de Quilombo, localizada no extremo oeste de Santa Catarina.

Desejamos a vocês, leitores, que a experiência com a revista seja prazerosa. E que a leitura desta revista cheia de ausências não os impeça de ficar empanturrados com o conteúdo. Nada melhor que o ócio criativo que sucede uma boa leitura!



ZERO

ZERO EM REVISTA
EDIÇÃO ESPECIAL - OUTUBRO 2007

CURSO DE JORNALISMO
UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA - UFSC
CENTRO DE COMUNICAÇÃO E EXPRESSÃO - CCE
Trindade - Florianópolis
CEP 88040-900

FECHAMENTO: 17 DE OUTUBRO DE 2007

EDIÇÃO Amanda Busato, Ana Carolina Dall'Agnol, Ana Paula Flores, André Faust, Cláudia Mussi, Diego Ribas,

Diogo Honorato, Domitila Becker, Fernanda Rebelo, Ingrid Santos, Jéssica Lipinski, Luiza Ferreira, Manfred Mattos, Paula Reverbel, Sabrina Carozzi

EDITORAÇÃO Luiza Ferreira, Paula Reverbel, Renan Dissenha, Sabrina Carozzi, Tadeu Sposito, Thiago Santaella

REPORTAGEM Ana Carolina Dall'Agnol, Ana Paula Flores, Diego Ribas, Domitila Becker, Elaine Manini, Fernanda Rebelo, Ingrid Santos, Lucas Samapalo, Luiza Medeiros, Mayara Rinaldi, Rafaela Biff Cêra, Renan Dissenha, Sabrina Carozzi, Tadeu Sposito, Thiago Santaella, Vera Flesch

ARTE Lucas Neumann

INFOGRÁFICOS produzidos na disciplina de Infografia por Andressa Taffarel, Elaine Manini, Gabriel Rosa, Lucas Neumann e Marcelo Andreguetti

ILUSTRAÇÃO Gabriel Silva

FOTOGRAFIA Agência Ensaio Fotojornalismo, Elaine Manini, Luiza Ferreira, Rafaela Biff Cêra, Tiago Bevilacqua

AGRADECIMENTOS Aldaneil Corrêa, Hélio Schuch, Lúcia Olímpio, Mauro Cesar Silveira, Ricardo Barreto, Tiago Bevilacqua, Viviane Herbele, CCE, PRAE e PREG (UFSC).

PROFESSOR COORDENADOR Lucio Baggio

MONITORIA Lucas Neumann

INFORMAÇÕES
IMPRESSÃO: Diário Catarinense CIRCULAÇÃO: Nacional
DISTRIBUIÇÃO: Gratuita TIRAGEM: 5.000 exemplares

TELEFONES
+55 (48) 3721.8599 / 3721.9490 / 3721.3215
FAX: 3721.9490

NA INTERNET
SITE: www.zero.ufsc.br CIRCULAÇÃO: zero@cce.ufsc.br



Melhor Peça Gráfica
I, II, III, IV e XI
Set Universitário / PUC-RS
1988, 89, 90, 91, 92 e 98



3º melhor
Jornal-laboratório do Brasil
EXPOCOM 1994



Melhor Jornal-laboratório
I Prêmio Foca
Sind. dos Jornalistas de SC, 2000

Descaminhos da educação

Permitam-me usar um artifício comum na Literatura. Comum e valioso, precisamente porque logo nos expõem ao desconforto. Imagine, leitor, um viajante que desconheça por completo o nosso Estado. Ele se propõe a percorrer o extenso território nacional e se indagar, sempre que lhe convier, a seguinte pergunta: que motivos levaram ao fracasso do projeto educacional brasileiro?

O nosso viajante é um sujeito versado e perspicaz. Ao ler o primeiro artigo da Declaração Universal dos Direitos do Homem (Todos nascemos iguais...) ele reconhece que aí não está contida uma verdade literal, e sim uma meta. Porque nós não nascemos em condições iguais. Fácil constatar.

Assim que desembarca em São Paulo, ele se dirige ao colégio particular Rio Branco. Uniformes impecáveis, guardas de trânsito garantindo a segurança dos bem-nascidos jovens paulistas. Próxima parada: Higienópolis, a maior favela paulista, localizada a alguns quilômetros da instituição modelo. De frente para um colégio estadual, a primeira constatação. Esses alunos não têm o mesmo aspecto daqueles. É um extremo, evidente, mas não é esse o país dos extremos? O viajante faz a pergunta a um passante. Foi um professor de cinquenta e tantos anos, docente da rede pública, quem respondeu. O professor explica que, nos anos de otimismo econômico e poder político centralizado, os nossos projetos públicos na educação eram ingênuos e se queriam onipotentes. Não levaram em conta a extrema heterogeneidade daqueles a quem se dirigiam. Fazendo piada, o sofrido professor cita o Mobral.

O viajante balança a cabeça, incrédulo, e se faz transportar para o imponente prédio retangular do Ministério da Educação, em Brasília. Um interlocutor do Ministério o aguarda. Linguajar opaco e fartos elogios ao ProUni – programa que facilitou o acesso de meio milhão de estudantes de baixa renda a universidades privadas, através de benefícios fiscais às instituições, um dos carros-chefes da visibilidade governamental em questões educacionais. Evitando o confronto rispido, o viajante é metuculozo ao enunciar sua pergunta.

O funcionário pinta um quadro otimista: “Caro senhor, note que estamos alinhados com a política de um prestigiado órgão multinacional, o Banco Mundial. A instituição, apenas entre os anos 1980 e 1997, emprestou à União

US\$ 14,3 bilhões. O BM definiu uma estratégia educacional moderna para o Brasil, centrando seus esforços em dismantlar a atuação burocrática do Estado; advertiu que, se o Ensino Médio e Superior forem tutelados exclusivamente pela iniciativa privada, deixaremos de tropeçar na busca da sonhada ‘revolução cultural brasileira’. A atividade pública poderá se concentrar, prioritariamente, na Educação Fundamental.

“O BM aponta a criação de fundos, gerenciados em conjunto com a iniciativa privada, uma ferramenta indispensável para o sucesso desta empreitada. Gradativamente deixaremos a educação a cargo dos capazes. Os argumentos do BM estão ancorados em relatórios conceituados. Com intuito de orientar investidores acerca de projetos na educação, o órgão disponibiliza relatórios do “World Factbook”, uma publicação da Agência Central de Inteligência (CIA) estadunidense. Este cenário é possível graças ao que o BM considera seu papel no cenário econômico contemporâneo.

O viajante está irrequieto. Soube, por intermédio confiável, que o déficit acumulado com o BM no período de 1980 a 1997 foi de US\$ 2,1 bilhões; que a política da progressão continuada adotada na Educação Fundamental de vários estados, para maquiagem as avaliações periódicas do ensino requeridas pelos investidores, tem gerado revolta entre os profissionais da educação, devido à falta de debate e o modo arbitrário como foi lançada; soube que a maior parte da produção acadêmica e pesquisa científica provém das ‘antiquadas’ Instituições de Ensino Superior (IES) públicas. Ele próprio conclui que a mentalidade destes interlocutores (e mentores) do Ministério da Educação é tão retan-

gular quanto o prédio em que trabalham.

Nosso viajante resolve insistir na conexão política-educação. Tudo é política, não é o que dizem? Pois bem. Após uma semana enfiado em bibliotecas universitárias, chega ao seguinte prognóstico: nos anos 80, coube aos municípios e governos estaduais o manejo do sistema tributário e a condução de políticas públicas de proteção social. Boa parte dos estados, apesar da resistência do executivo, fixou um percentual de 30% da arrecadação de impostos destinados a educação, aderindo ao (quase) consenso da década de 80, de que era necessário investir mais no setor. A descentralização injetou perto de R\$ 20 bilhões a mais, por ano, nas contas dos estados e municípios. Com anuência dos estados, as prefeituras focaram esses recursos na educação pré-escolar – seu ponto forte histórico –, o que gerou um descompasso em relação ao Ensino Fundamental e Médio. Mas logo salpicaram artifícios contábeis destinados a cumprir as disposições constitucionais de gasto, possibilitando desviar os recursos para outras atividades alheias à educação.

Nos anos 90, outro consenso: o Brasil gasta muito em educação, mas gasta mal. Sendo assim, após uma década de embates políticos, o governo homologou um processo articulado de descentralização, na forma do Fundo de Manutenção e Desenvolvimento do Ensino Fundamental e de Valorização do Magistério (Fundef). Almejava reduzir o desequilíbrio regional na oferta de ensino, elevar os índices de qualidade e estruturar o sistema descentralizado. Aliás, sanar as discrepâncias regionais sempre foi uma atribuição histórica do Estado brasileiro (malograda, ressalta-se). A constituição de 1988 e a Lei de Diretrizes e Bases 1996 trazem essa premissa, restringindo a participação direta da União no ensino, reforçando seu papel coordenador e equalizador. Nesse sentido, estabeleceu-se um valor per capita nacional para investimentos na educação. Os estados incapazes de cumpri-lo, deveriam ser ressarcidos pelos cofres federais.

Todavia, a implementação do Fundef foi conflituosa e, no fim das contas, desastrosa. O fundo privilegiou o Ensino Fundamental, seguindo a recomendação dos organismos internacionais. Infelizmente isso foi feito em detrimento dos outros níveis de ensino, incluindo o pré-escolar e a Educação para Jovens e Adultos, cujas matrículas não eram computadas nos repasses per capita. A própria concorrência entre os níveis de ensino, somada a fratura política e a falta de diálogo intragovernamental desembocou num processo cansativo e desgastante. O resultado ‘político’: a desconfiança dos entes sub-governamentais para com a legitimidade política da coordenação federal. Os resultados cotidianos: a quase universalização da Educação Fundamental e, por outro lado, uma nefasta piora na qualidade do ensino, como apontam os resultados vergonhosos das pesquisas comparativas internacionais.

O viajante senta no banco da praça. Não importa que praça. Ele ainda matuta as últimas informações que leu nos cemitérios das monografias universitárias. Fica estarecido ao saber que a União ignorou os procedimentos técnicos e estabeleceu um valor arbitrário para os repasses per capita no final dos anos 90, economizando perto de R\$ 1,3 bilhões anuais. Também não entende porque alguém pode falar em superávit primário se não está sobrando nada: se não há giz, computador, papel higiênico e carteiras nas escolas. Não entende por que os ministros elogiaram o Fundef, hoje elogiam o Fundeb e amanhã elogiarão o Plano de Desenvolvimento da Educação (PDE), quando estes programas se mostram vacilantes e mal direcionados, sempre parciais em sua concepção e presos nas diretrizes do consenso. Acreditar que cerca de 3% do PIB investidos em educação seja muito é, entre os consensos, o mais desnaturado. Propagar as Políticas de Educação como uma maneira de ‘investir melhor’, frente a esse breve histórico, soa como piada.

Por Manfred Mattos

Barbotina, fita crepe e trecho bíblico

Fernando Lindote é um artista que vive de experimentar. Há mais de 20 anos investiga materiais e meios de expressão na expectativa de conferir não um tema, mas um sentido à sua obra

O artista plástico Fernando Otávio Fuentes Lindote, 46 anos, deixa mais do que idéias e sentimentos impressos em seus trabalhos. Ele usa até seus dentes e saliva como instrumentos para estruturar a matéria e a forma de algumas obras. Na exposição Ex-

Lindote conta que ser artista não foi escolha sua. Acredita que não poderia ser outra coisa

periências com o Corpo, realizada em 2002 no Instituto Tomie Othake, em São Paulo, Lindote exibiu um vídeo com imagens de sua boca mordendo, mastigando e cuspidando um pedaço de E.V.A. (edil vinil acetato, um material emborrachado). A escultura que surgiu desse processo também estava exposta. Agnaldo Farias, crítico de arte e curador da exposição, escreveu que a produção do artista "parece indagar obsessiva e sistematicamente sobre a natureza de cada suporte expressivo, sua condição corporal".

Durante a década de 1980, a leitura dos textos de Hélio Oiticica despertou em Lindote a vontade de radicalizar as linguagens artísticas. Ele então passou a fazer trabalhos mais híbridos, que "fogem das linguagens estanques", como define. Essa proposta o levou a entrar duas vezes no Salão Nacional de Artes Plásticas. Lá, ele usou uma fita isolante preta, de pano, colada diretamente na parede para criar desenhos. A fita substituiu as telas com que o artista começou essa experiência — no início ele recortava uma tela em

tiras finas, com formas, e fazia desenhos com a própria tela na parede.

"É uma maneira bem modernista, romper o limite máximo de cada linguagem, fazer desenho até esgarçar a fronteira do desenho e aquilo parar de ser desenho e virar uma outra coisa. Não sei se era possível fazer isso nos anos 1980, porque essas fronteiras já tinham sido transpostas por outros, mas, no fim, eu fiz isso de novo", diz Lindote. Cerca de dez anos mais tarde, em uma exposição individual no Museu de Arte Moderna (MAM) do Rio de Janeiro, o artista fez um desenho com fita isolante no vidro do mezanino do museu. Ele conta que, de dia, ao olhar para o vidro no interior do museu, o público via o desenho e, através dele, o centro da cidade. À noite, via-se o desenho e toda a exposição no interior do museu espelhada no vidro.

Barbotina: Barro misturado com água ficando em estado cremoso. Poucos sabem o que é, mas Lindote já fez arte com o material — só que, em vez de adicionar água na argila, adicionou sua saliva. A barbotina serviu para criar desenhos na parede. A forma era primeiro desenhada com fita crepe, depois preenchida com a barbotina. O que o artista obtinha não era só um desenho, mas uma pintura, se o barro for visto como tinta na parede, ou uma escultura muito fina, porque tinha volume, por menor que fosse. A obra contava desde

o início com a mistura de técnicas artísticas. Foi exposta no Panorama de Arte Brasileira em 2005, no Museu de Arte Moderna (MAM) de São Paulo.

Lindote é católico. Praticante. Foi em uma missa, durante a leitura de João, capítulo nove, versículo seis que lhe surgiu a idéia para essa obra. O trecho bíblico descreve o momento em que Jesus cospe no chão, faz barro com a saliva e põe sobre os olhos de um cego para curá-lo. "Estava achando estranho, a única parte do corpo que eu estava usando no trabalho era a mão, e eu tinha acabado de fazer os últimos trabalhos com mordida. Quando o padre leu isso eu achei que podia misturar o barro com minha saliva, como Jesus fez, em vez de misturar com água", explica. Versões desse mesmo trabalho, só que em telas menores, fazem parte do acervo da galeria de arte paulistana Nara Roesler, ao lado de obras de Abraham Palatnik, Julio Le Park, Cao Guimarães, Artur Lescher, Tomie Ohtake entre outros.

Pintor, escultor, desenhista: Lindote é tudo isso ao mesmo tempo. Desde que começou a participar de exposições, recebeu prêmios por trabalhos feitos com diferentes técnicas. O primeiro foi um desenho, no início da década de 1980, premiado em um salão do sul do país. Em 1985, recebeu o Prêmio Pirelli com uma pintura no Museu de Arte de São Paulo (MASP) e, dois anos depois, o

Prêmio Aquisição Acervo FUNARTE, no Rio de Janeiro, com a série de pinturas Barroc.

No circuito de arte de Santa Catarina, sempre nadou contra a corrente. Já se esforçou para fazer parte dos grupos de artistas catarinenses. Não conseguiu porque nunca produziu nada muito próximo da arte regional de Florianópolis, referente a elementos da cultura, folclore e mitos locais. Mais de uma vez ouviu como justificativa para não estar incluído em programas de incentivo a jovens artistas o fato de não ser nativo da ilha. "Nunca peguei nenhum tema folclórico porque não me interessavam, se me interessassem eu faria, mas não interessavam, e eu sabia que isso iria contra mim". Por outro lado, Lindote calculava que algum dia haveria espaço em Florianópolis para outra produção de arte contemporânea como a sua. "Teve bem menos espaço do que eu imaginava, mas o suficiente pra eu poder continuar fazendo."

Ele até chegou a receber apoio de alguns membros da comunidade artística local, como João Otávio Neves Filho, o Janga, e Harry Laus. Em 1986, foi convidado por Laus para uma mostra coletiva chamada Perspectiva Catarinense. Junto com os artistas catarinenses Rubens Oestrom, Luiz Henrique Schwanke e Lourival (Loro) Pinheiro da Lima percorreu o Brasil mostrando suas obras.

Lindote nunca foi premiado em Santa Catarina. Também não foi reconhecido pelos importantes prêmios e exposições de que participa no circuito nacional. Ele observa que no Panorama de Arte 2005 do MAM de São Paulo havia outros quatro artistas plásticos de Florianópolis (Raquel Stolf, Vifah Peled, Zé Lacerda e Júlia Amaral), além dele. "O Panorama tinha 50 artistas, 10% de Florianópolis. Não era para um museu, ou qualquer outro espaço, chamar esses cinco artistas, fazer uma exposição e marcar que 10% do Panorama do MAM está aqui e foi feito aqui?" O artista acha que isso acontece por conta de desinformação, não desinteresse. Ele entende que as instituições locais sabem da existência desses artistas, mas não sabem o que é e onde está o circuito de arte brasileiro. Por isso não reconhecem o valor que há nessas participações. Esses artistas chegaram ao Panorama após serem procurados por um crítico do MAM de São Paulo, ou seja, exclusivamente por iniciativa de críticos e artistas. "Aconteceu pela vontade de todo mundo, menos de quem deveria estar trabalhando para isso que, no caso estadual, são a Fundação Catarinense de Cultura e o Museu de Arte de Santa Catarina; no caso municipal, a Fundação Franklin Cascaes", lamenta.

O artista aponta para uma prática ainda recorrente no estado: quem recebe indicação de alguém importante tem prioridade para divulgar o trabalho. "O circuito ainda se move por esse

tipo de indicação. Políticos, família importante, família rica, ainda existe isso. É um desrespeito com essa nova geração que estuda e batalha pra mostrar seu trabalho, pra ter uma trajetória", diz. Mais uma vez o artista vê um problema técnico, em que a desinformação dos administradores de instituições de cultura catarinenses vem acompanhada de falhas éticas.

Até hoje, Lindote não se inseriu em nenhum grupo de artistas de Santa Catarina, nem de qualquer outro lugar. Firmou-se como um considerável artista contemporâneo dentro do circuito nacional por conta própria.

Da infância conturbada ao reconhecimento Por causa de uma crise aos dez anos de idade, Lindote parou de frequentar a escola. Foi levado pelos pais ao psicólogo, psiquiatra, centro de umbanda, centro espírita, padre hipnotizador, mas nada resolveu seu problema. "Eu tinha pavor de entrar na escola; quando o portão fechava eu batia em quem estivesse na minha frente e saía correndo", conta. Estudava em um colégio de classe média, "o mesmo frequentado pelo filho do governador". Sua atitude de sair da escola foi entendida pela maioria como simples rebeldia e, assim, passou a ser tratado como marginal, principalmente pelos pais dos colegas, que não achavam boa idéia deixar os filhos em sua companhia. Viveu um tempo de solidão absoluta. Hoje, ele desconfia que teve Síndrome do Pânico, que na época não foi diagnosticada.

O artista nasceu em Santana do Livramento, cidade do interior do Rio Grande do Sul. Seu avô materno era dono de um jornal local. Mudou-se para Porto Alegre com os pais e irmãos aos sete anos. Na capital gaúcha, teve seu primeiro contato com as Artes Plásticas quando entrou em uma escola de desenho animado. Pela influência do avô, Lindote teve a idéia de publicar seus desenhos nos jornais de Porto Alegre. Para ele, parecia uma boa saída social. "Achava que se eu publicasse meus desenhos ia conseguir tocar minha vida, existir como cidadão", diz. Resolveu mostrar seus desenhos para um editor da Folha da Tarde. Ouvindo do editor que o que fazia era cópia da Mafalda e do Charlie Brown. "Chorei no caminho para casa e depois disso desenhei feito um doido durante uns seis meses e então consegui publicar na mesma Folha da Tarde, só que na parte infantil, que não passava por aquele editor que me achinalhou."

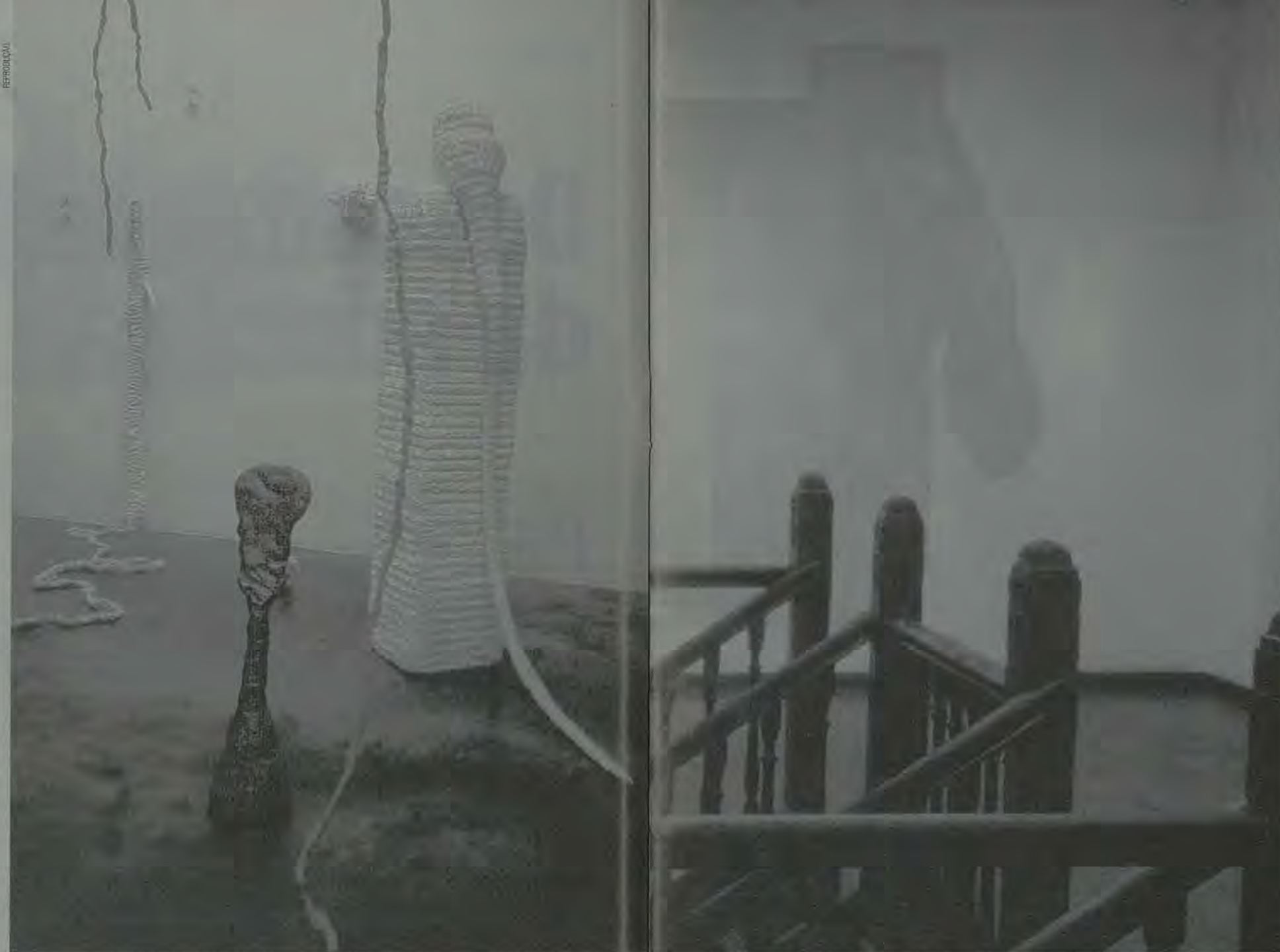
Chegou a Florianópolis, onde vive até hoje, na década de 1980 atraído pela beleza e tranquilidade da cidade naquele tempo. Apesar dos anos, conserva um pouco do sotaque gaúcho e o hábito de beber chimarrão todas as manhãs. Em seu ateliê, mantém ao lado do toca-discos um vinil da dupla gaúcha Kleiton e Kledir. Mas Lindote não gosta do rótulo de "artista gaúcho radicado em Florianópolis" com que costuma ser apresentado. Para ele, isso é apenas um detalhe. Um detalhe que o artista nem considera importante.

Por Rafaela Biff Cera

REPRODUÇÃO

No circuito Catarinense, sempre nadou contra a corrente. Não fez parte dos grupos de artistas regionais, cuja arte é referente a elementos de folclore e mitos locais.

Mais uma das obras feitas de barbotina



Barbotina: barro misturado com saliva que serviu para criar desenhos na parede. O resultado não era só um desenho, mas uma pintura, se o barro for visto como tinta na parede, ou uma escultura muito fina

O Evangelho Literário

Personagens bíblicos migram para a literatura e revelam a personalidade de seus criadores

Judas firmou, após muita relutância, um acordo com Deus para trair Jesus e transformá-lo no salvador cristão. Miriam sentiu o olhar de Cristo e o seguiu, abandonando sua pequena cidade Magdala, mesmo pressentindo tudo o que aconteceria àquele homem e o que fariam de sua relação com ele. Jesus queria casar e ter filhos, não carregar nas costas a cruz de seu povo.

Os personagens bíblicos perturbam a imaginação das pessoas. E é na literatura que eles adquirem formas e personalidades, contrariando os dogmas inquestionáveis da Igreja. Traidores e meretrizes ganham voz nas obras literárias e seus criadores dão novos contextos para as ações condenáveis de cada um. Até mesmo Judas, apedrejado todo domingo de Páscoa, teve uma nova chance. Na literatura, o grande traidor foi reconhecido por sua lealdade e escolhido para participar do projeto de Deus. Mas ele relutou. Discordou do modo como deveria agir, gritou com o Senhor, achou seu plano megalomaniaco. Falou ser impossível sua participação, mas ao final, concordou trair seu melhor amigo por dinheiro, pelo bem de muitos, por todo o sempre. Judas Iscariotes se transformou em um traidor leal ao Senhor em O Acordo, de Julio de Queiroz.

O escritor foi frei beneditino durante anos e dedicou sua vida à teologia. Entre seus personagens mais interessantes está Miriam - Maria Madalena, menina inconformada com o sofrimento das mulheres, mulher que não casou, pois não havia homem que a quisesse, mas recebeu o convite de Jesus para ser sua discípula e o seguiu. Madalena, no conto de Queiroz, viu tudo o que ainda sofreria pelo amor ao Cristo: "Vi quando me acusaram de ter sido prostituta. Outros, de ter sido sua concubina. Os mais bondosos, ou menos sutis, de termos sido marido e mulher, com filhos clandestinos".

Pregadores Julio de Queiroz faz parte do grande grupo de escritores que já escreveram sobre a temática bíblica. No Brasil: Machado de Assis, Graciliano Ramos, Álvares de Azevedo, José Saramago, Eça de Queiroz, Albert Camus no exterior. Em seu livro Esaú e Jacó (1904), Machado de Assis recorre ao Velho e ao Novo Testamento para se espelhar na história dos gêmeos rivais Esaú e Jacó e nas idéias confrontantes entre os discípulos Pedro e Paulo, respectivamente. Mas a intertextualidade entre teologia e literatura é ainda mais antiga. Era condenada por Santo Agostinho por ser uma reinvenção mítica e fabulosa dos textos bíblicos. Nos escritos do discí-

“Como acreditar num Deus criador do Universo, se o mesmo Deus criou a espécie humana?”

José Saramago

pulo Paulo era questionado como a arte poderia interpretar Deus. E já o escritor romano Marcus Varro fazia a distinção entre teologia filosófica, civil e teologia poética no ano 18 antes de Cristo, época anterior ao advento do cristianismo.



Os dogmas da Igreja são contestados na literatura. Traidores e meretrizes ganham voz em novas leituras do livro sagrado

Entretanto, só há 20 anos houve uma sistematização teórica desse campo de estudos e também a explosão de *best-sellers* e romances seguidores dessa tendência - *O Código da Vinci*, de Dan Brown, *O Evangelho Segundo Jesus Cristo*, de José Saramago ou ainda o livro de J. J. Benítez, *Operação Cavalo de Tróia*.

A professora Salma Ferraz, pesquisadora do Núcleo de Estudos Comparados entre teologia e literatura (Nutel), diz que é na Alemanha e nos Estados Unidos que a Teopoética tem seus principais pesquisadores. O núcleo, sediado na Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), é um dos pioneiros no Brasil e existe há cinco anos. Surgiu no meio acadêmico com a intenção de pensar as conexões entre teologia e literatura, a fim de chegar a uma produção comum que possa vir a público.

O Nutel segue o conceito do teólogo alemão Karl Josef Kuschel - *A Teopoética*, um novo campo de estudos voltado para o discurso críti-

co-literário sobre Deus, na literatura e na análise literária, a partir da reflexão teológica presente nos autores. Salma explica que as principais questões apontadas pela linha de pesquisa são os critérios estilísticos para um discurso teológico dentro da literatura do século XX e as relações entre literatura contemporânea e crise existencial da consciência moderna.

Discípulo ateu Pesquisadora das maneiras em que Deus se faz presente na ficção narrativa do escritor português José Saramago, Salma Ferraz é autora de livros que analisam a obra do autor, como *As faces de Deus* na obra de um ateu. Ela conta que o escritor é "um ateu perturbado com a existência de Deus" e em seus textos, destrói progressivamente as várias faces do Criador: "Como será possível acreditar num Deus criador do Universo, se o mesmo Deus criou a espécie humana? Por outras palavras, a existência do homem, precisamente, é o que prova a inexistência de Deus." Em *O Evangelho Segundo Jesus Cristo* (1991), o autor reescreve um evangelho concebendo um Deus cruel, que quer ampliar seus domínios e necessita de um mártir para impressionar as pessoas. Por outro lado, Jesus Cristo, humano e rebelde, é cheio de inquietações e desejos de liberdade.

Salma Ferraz analisa o Cristo humanista,

proposto por Saramago, como uma mistura do posicionamento político - a paixão pelo marxismo e a persistente militância comunista - e de recurso literário. É clara a obsessão do português de 84 anos pelo personagem Deus, presente nos livros *Terra do Pecado* (1945), *Memorial do Convento* (1982) e ainda em *História do cerco de Lisboa* (1989), onde o escritor condena o deus Alá, confirmando a presença das várias faces de Deus em suas obras.

Mas os textos bíblicos não são reinterpretados apenas pelos escritores sem religião ou com crises pessoais e literárias sobre a existência de Deus. Salma aponta leituras dos personagens bíblicos em escritores que declaram seu catolicismo e afirma que a fé não é um mau princípio estilístico, como muitos estudiosos da literatura pregam. Adélia Prado, Rubem Alves - estudioso da teologia e pastor durante anos e o próprio Julio de Queiroz são citados pela professora como grandes contribuintes nas leituras da Bíblia.

Adélia Prado e Rubem Alves contrariam a tendência de crítica literária ao Deus bíblico, pois trazem uma nova linguagem sobre como se deve amar e louvar ao Pai, algumas vezes em forma de orações. *Por este mundo*, de Rubem Alves prega: "Lembramo-nos, com vergonha, de que no passado aproveitamos do nosso maior domínio e dele fizemos uso com crueldade sem



Tomai, comei: a última ceia de Jesus Cristo aparece na Bíblia e na literatura

limites, tanto assim que a voz da terra, que deveria ter subido a ti numa canção, tornou-se um gemido de dor". As fraquezas humanas perante a criação de Deus são freqüentes nos textos destes dois escritores.

Inquietação A quantidade de trabalhos e obras com a temática bíblica reflete uma inquietação de escritores, teólogos, historiadores e leitores sobre a narrativa que está na "matriz de toda a literatura ocidental", diz Salma. A pesquisadora fala que o contexto de ódio, amor, eternidade, traição sempre terá apelo histórico e literário e garante cada vez mais interpretações sobre os personagens bíblicos. Para Salma, Deus e o Diabo ainda são personagens da preferência mundial e a relação de amor e ódio entre eles proposta pela Bíblia cria uma disputa de poder nas obras literárias. Ainda no *Evangelho Segundo Jesus Cristo*, de Saramago, o diabo torna-se grande herói e responsável por uma nova história do cristianismo, quando tenta salvar Cristo da crucificação para, segundo o autor, salvar os humanos de uma religião que já nasce com cheiro de sangue.

No livro sagrado, entretanto, o anjo renegado por Deus coloca em tentação a fé de Jesus Cristo nos momentos em que o Filho do Criador prova sua lealdade. O Evangelho de São Mateus relata: "Jesus jejuou durante quarenta dias e quarenta noites, e, depois disso sentiu fome. Então, o tentador se aproximou e disse a Jesus: 'Se tu és Filho de Deus, manda que essas pedras se tornem pães!'" O Diabo bíblico se faz presente

nos diversos livros que compõem a Bíblia. Em Ezequiel, Satanás é visto como traidor da confiança e da bondade do Senhor, quando inicia uma guerra no céu: "Fiz de você um querubim protetor de asas abertas. Você ficava na alta montanha de Deus, passeando entre pedras de fogo. Desde quando foi criado, você era perfeito em todos os seus passos, até que se encontrou a maldade em você".

Seja um Deus prepotente, ora Senhor, ora Diabo, um Judas como figura principal da fé cristã - já que sem ele o Filho de Deus não salvaria a humanidade - ou ainda uma Maria Madalena forte, invejada pelos discípulos de Cristo por ser a preferida. Os novos personagens da ficção cristã criados por escritores de todo mundo despertam o interesse dos leitores que imaginam o que essas sagradas figuras poderiam ter sido em outra história, outra época, talvez outra religião. Contra a tendência de que o discurso teológico possa se tornar abstrato, os estudiosos da Teopoética acreditam que recorrer à literatura pode ser um caminho de reencontro da identidade problemática do cristianismo hoje. Em um campo histórico cheio de revelações e de dogmas, os estudiosos defendem que é preciso acabar com a acusação, geralmente levantada por teólogos, de que a literatura é uma intromissão na Religião. Por outro lado, a professora Salma Ferraz revela: "Sempre digo que a Teopoética é injusta em certa medida com Deus, porque afinal, Deus nunca teve a chance de escrever nenhum romance. Ou seria a Bíblia o seu romance?"

Por Fernanda Rebelo

As várias faces do Jesus literário

Rafael Camorlinga, pesquisador do Núcleo de Estudos Comparados entre teologia e literatura, estuda as relações entre as representações de Jesus e sua figura bíblica e também a Teopoética no contexto latino-americano. Nesta entrevista, Camorlinga fala sobre o interesse dos escritores em reforçar ou desmistificar a imagem divina deste personagem.

Na sua opinião, o que faz com que os escritores - católicos ou não - tenham esse interesse por outras representações de Jesus?

Camorlinga: O interesse da pintura, escultura, cinema, literatura pela figura de Jesus decorre, no meu entender, da natureza do *homo religiosus*, inconformado com as estreitezas da vida do dia-a-dia. Admitindo que o Jesus "canônico" ou histórico é já um personagem, mesmo com pretensão de pessoa, há margem para imaginá-lo e descrevê-lo de maneira nem sempre coincidente com a das igrejas cristãs.

Quais seriam os traços nas representações do Jesus literário mais comuns entre os escritores?

São os traços do personagem de ficção, isto é, ser humano (divino?) vivendo situações exemplares de modo exemplar. Assim como os heróis ficcionais, o herói Jesus encara conflitos terríveis e situações-limite em que o desfecho é imprevisível. Porém, tratando-se de Jesus Cristo os traços da pessoa podem passar ao Jesus personagem e assim garantir o final feliz.

É possível relacionar a representação de um escritor, com sua postura política, social, religiosa? Saramago tem um Jesus bem humanizado e para os pesquisadores isso reflete a sua descrença católica.

Para mim, é inevitável o parentesco entre o criador e a criatura, escritor e obra literária. Alguns escritores admitem, outros não. "Entre o romance e a vida há a mesma diferença que entre o sonho e a vigília: o escritor muda, disfarça a realidade, para executar atos infinitamente desejados. Como nos sonhos, essas mudanças, esses disfarces são quase sempre inconscientes" (Sábato).

Cite alguns autores que possuem uma representação de Jesus bem diferenciada da visão bíblica.

Por um lado está o Jesus efeminado, piegas, angelical, desumanizado, etc., dos livros devotos e dos ícones que enchem as igrejas; por outro, o Jesus simplesmente humano de Renan (século XIX) cujo livro tipo biografia, foi posto no "*Index librorum prohibitorum*" pela Igreja da época. Está também o Jesus de Vicente Leñero, escritor mexicano, um Jesus que bebe tequila, come chili e usa guaraches... Temos o Jesus de Paulo Leminski. Humano ou divino? Não importa. O que conta é que é "superpoeta". Temos também o Jesus bem-humorado de Fernando Sabino, que nem por isso deixa de ser divino. Enfim, temos ainda o Jesus de Saramago, tão humano que é quase divino...

resenha

Palestina, uma nação resgatada em desenhos

No princípio, o homem vivia de caça e coleta e relatava essas atividades desenhando-as nas pedras, talvez para comemorar o feito ou para deixar aos descendentes um registro de como era a vida naquele tempo e lugar. Assim surgiu o primeiro repórter da história, ou melhor, da pré-história, e o primeiro estilo de reportar, o relato feito em desenhos. Milhares de anos depois, esses registros servem de fonte para historiadores e outros estudiosos.

Ao longo desse período, o homem aprimorou outras formas de escrita e dispensou os primitivos desenhos. Nos dias atuais, no entanto, eles voltaram em todas as cores e dispositivos possíveis, pelas mãos habilidosas de criativos cartunistas. Joe Sacco é um deles. Sacco nasceu em Malta, passou a infância na Austrália e aos 11 anos foi morar nos Estados Unidos, onde se formou em jornalismo pela Universidade do Oregon. Desde criança, gostava de desenhar quadrinhos com a irmã. Um dia resolveu publicar uma revista de humor com um amigo. Mais tarde editou uma antologia de quadrinhos para a *Fantagraphics*



Books e publicou, sozinho, a revista *Yahoo*.

Sacco inventou um novo estilo de reportar. Ele usa a fotografia para registrar imagens e fatos, depois as reproduz em quadrinhos e se transforma no personagem que conduz o fio da história através de observações pessoais, à maneira do jornalismo gonzo. Os críticos o consideram o maior representante do *New Journalism* americano.

Palestina, uma nação ocupada foi seu primeiro projeto longo de jornalismo em quadrinhos. Para fazer a reportagem, ele viajou, em dezembro de 1991, a Jerusalém, Cisjordânia e Faixa de Gaza, onde perambulou por dois meses e registrou a versão dos dois lados da interminável guerra entre palestinos e israelenses. Para os israelenses, ele se identificava como turista. Os palestinos só eram avisados de que ele era jornalista quando necessitava entrar em suas casas para fazer entrevistas.

Como todo correspondente de guerra, ele queria estar "na hora certa e no lugar certo", e corria atrás de tropas de choque, gás lacrimogêneo e garotos pa-

lestinos "criminosos", que combatiam os tanques de guerra jogando pedras. Durante semanas, ele saiu à procura de idosas expulsas de suas casas, velhos obrigados a cortar oliveiras centenárias, fonte de seu único sustento, e famílias que tiveram parentes aprisionados, torturados e mortos pelo poderoso exército israelense.

Jornalismo e história "Historiador é aquele que vê, que testemunha", diz José Arbex no prefácio do livro, citando Jacques LeGoff. Nesse sentido, Joe Sacco é mais do que um jornalista. Ele reescreve a história oficial e desmente o mito de "uma terra sem povo para um povo sem terra", criado pelos ingleses para justificar a fundação do Estado de Israel em terras da Palestina.

Ao mostrar a tragédia dos palestinos, ele persegue a objetividade, mas não consegue ficar isento ao sofrimento. Dor, espanto, terror, raiva, frustração, esperança e desespero aparecem claramente nas faces caricatas de homens, mulheres e crianças e dão um rosto a essa nação invisível e excluída da mídia ocidental.

Num tom bastante coloquial, algumas vezes irônico, emotivo e até irreverente, ele mistura história,

relatos objetivos e impressões pessoais. Em algumas páginas do livro o autor insere textos maiores, para contextualizar os conflitos que marcam a relação histórica entre palestinos e hebreus. No entanto, os expressivos desenhos de Sacco economizam longas explicações textuais. Com traços negros e fortes, ele retrata paisagens, costumes, cultura, conflitos, sofrimentos e mortes com detalhes pitorescos e nuances que escapam ao simples registro fotográfico.

Os quadrinhos foram primeiramente publicados em nove gibis intitulados *Palestina*, em 1994. Cinco anos depois, a *Fantagraphics* os editou em dois livros, *Palestina, uma nação ocupada* e *Palestina na Faixa de Gaza*. A obra mereceu o prêmio *American Book Award* e o *HQ Mix 2000*, e o autor já é objeto de estudos acadêmicos.

No Brasil, *Palestina, uma nação ocupada* foi publicado em 2002, pela *Conrad Livros*. A tradução teve de ser previamente aprovada pela *Fantagraphics*. A excelente tradutora, Cris Siqueira, inseriu os textos nos quadrinhos com muita arte, a ponto de dar a impressão de se tratar de versão original. Além disso, o prefácio de José Arbex é, por si só, uma interessante aula de reportagem.

Por Vera Maria Hieschi

Morte e Vida Sevilhana

Isso Cabral fez como ninguém, nem Federico García Lorca.” Ele, que é até hoje o poeta espanhol mais lembrado quando se trata da arte flamenca – seus poemas são interpretados pelos grandes cantores – foi o autor da peça teatral *Bodas de Sangre*, que o cineasta Carlos Saura adaptou para o cinema em 1986. Ao comparar João Cabral com García Lorca, a poeta espanhola revela que o tema flamenco em Cabral não foi apenas pedaço de sua obra, e sim uma manifestação apaixonada que marcou a própria história da arte flamenca, ainda que essa parte da sua obra seja pouco conhecida.

O estilo da poesia Cabralina é inspirado na poesia espanhola que, segundo o poeta, “é a mais concretista do mundo”. A forma espanhola começou a pesar em sua obra a partir do livro de poesias *O Cão sem Plumas* que foi

acompanham. Em um guardanapo ele anota os seguintes versos:

Mulher da Panadería

*Se viver te é curto,
como pequena é Sevilha,
que viver-te seja intenso
carregado qual nova pilba,
que pises em Sevilha:
levando a cabeça no alto,
e esbelta que desafia,
que sabe andar qualquer chão
em mulher da Panadería.*

É no ano de 1956 que Cabral passa a residir em Sevilha, como cônsul adjunto. Para ele, é a cidade mais encantadora da Espanha. Sua filha, Inez Cabral, lembra que a relação dele era especificamente mais intensa com o bairro de Triana. “Muitas vezes quando ele ia buscar a mim e a minha irmã na escola, ele dizia, olhando para as mulheres do *barrio* Santa Cruz, um bairro de classe alta, que as andaluzas eram muito feias. A fixação dele era por Triana, um bairro boêmio onde viviam as *gitanas* andaluzas.”

O professor de literatura Pablo del Barco, que traduziu alguns poemas de João Cabral para o espanhol, acha que foi a arquitetura da cidade, com as ruas estreitas cobertas de

Enquanto caminha ao longo da rua principal do centro de Sevilha, ao sul da Espanha, um homem de cabelos negros, meticulosamente penteados para o lado direito, parece absorto em seus pensamentos. Ele acaba de tomar um xerez no início da rua Sierpes e vai em direção ao último bar da calle. Mais à frente já se enxerga a plaza La Campana. Senta-se, sem perceber, bem no centro numérico da cidade, o lugar de onde parte a numeração de todas as ruas de Sevilha. Uma coincidência pouco notável se

o homem descrito não fosse João Cabral de Melo Neto, o poeta brasileiro que inaugurou a construção funcional da poesia modernista, inspirado na arquitetura do francês Le Corbusier, e a cidade em que ele se senta não fosse aquela que mais o inspirou a escrever seus poemas.

Nascido em 1920, no Recife, João Cabral diz em um poema intitulado *Auto Crítica* que “só duas coisas conseguiram desferir-lo até a poesia: o Pernambuco de onde veio e o aonde foi, a Andaluzia. Um, vacinou do falar rico e deu-lhe a outra, fêmea e viva, desafio demente: em verso dar a ver Sertão e Sevilha.” O poema, composto por apenas oito versos, resume a obra de seu autor, diplomata e quinto ocupante da cadeira número 37 da Academia Brasileira de Letras. Cabral encontrou na cultura andaluza uma fonte de admiração. “Todas as manifestações culturais espanholas me abalam profundamente.” diz ele, em entrevista realizada em 1999 para o documentário Recife/Sevilha.

Se o objetivo desse pernambucano era “dar a ver em verso Sertão e Sevilha”, a poeta espanhola Cinta Massip, que traduziu a obra do autor para o catalão, acredita que ele se saiu muito bem, no que diz respeito à parte andaluza. “Cabral captou perfeitamente, como ninguém nunca conseguiu na literatura espanhola, o ritmo do flamenco. Isto é uma coisa única, que um personagem que conhece tão pouco este mundo capte com tanta sabedoria o que é o conceito da música flamenca, que é ritmo.

“Como o baile flamenco me interessava porque era um fazer no extremo, a corrida de touro também é fazer no extremo. O sujeito se expõe à morte”

publicado em 1950. Três anos antes da publicação desse livro, o poeta havia sido transferido para o Consulado Geral em Barcelona, como vice-cônsul. Lá, ele adquiriu uma pequena tipografia artesanal, publicando livros de poetas espanhóis e brasileiros e tendo, possivelmente, o primeiro contato com o estilo de poesia espanhol que marcaria sua produção futura, incluindo o auto *Morte e Vida Severina*, publicado em 1956.

A cidade *Sentado no bar La Campana, ao lado da praça de mesmo nome, o poeta toma outro xerez. Sem mexer a cabeça, acompanha o caminhar de uma andaluza gitana. Ela acaba de sair da padaria, tira a rede que prendia seu coque e seus cabelos negros caem sobre os ombros sem que ela os perceba. A cabeça dessa moça expressa uma intenção esbelta que desafia. Pisando na calle Sierpes, passa pelo poeta, cujo pescoço permanece imóvel: são os olhos que a*

paralelepípedos, que atraiu o poeta brasileiro, assim como o clima alegre e boêmio de Sevilha. Já Inez Cabral acha que a relação de seu pai com Sevilha "era tesão mesmo". "Eu atribuo a tesão. Não acho que há outra palavra para isso. Ele tinha uma história especial com as ciganas dele, com a aparência física delas."

O flamenco Do centro de Sevilha, o poeta sai caminhado em direção ao rio Guadalquivir. Ele atravessa a ponte Isabel II e do outro lado do rio está Triana. Em busca de mais um copo de Xerez, ele entra em um tablado qualquer. São quase nove horas da noite e só agora a cidade começa a escurecer.

"A música me faz dormir; o flamenco me faz acordar." Essa frase foi dita por João Cabral no documentário *Recife/Sevilha* em 1999, numa tentativa de explicar o porquê do tema flamenco ter tomado conta de sua obra. O poeta conhecia os termos técnicos do baile flamenco e sabia a diferença entre os diferentes estilos, ou *palos*, da música flamenca e a região de onde vinham. "Ele sempre gostou de mergulhar nos estudos", conta Inez. "Quando ele ficava apaixonado por alguma coisa, como ficou pelo flamenco, era mais fundo ainda o seu mergulho."

O toureiro A plaza de touros estava lotada, o público aguardava o momento

de apreciar o grande toureiro. Manolete segura o capote do seu lado esquerdo olhando para o público e de costas para o touro. Os espectadores, assim como Cabral, ficam angustiados. O touro se aproxima bufando, atravessa a arena fazendo tremer o chão onde Manolete está parado. O touro chega no toureiro, mas os espectadores não podem ver nada, pois o capote vermelho está cobrindo o encontro, até que o touro aparece por debaixo do pano do outro lado e Manolete levanta os dois braços pedindo aplausos. Cabral fecha o livro. Na capa, lê-se Manolete en la plaza de Toros de Lima. O poeta abre uma gaveta da escrivaninha de seu escritório

em Sevilha, retira um papel e escreve:

Lembrando Manolete

*Tourear, ou viver como expor-se;
expor a vida à louca foice
que se faz roçar pela faixa
estreita de vida, ofertada
ao touro; essa estreita cintura
que é onde o matador a sua
expõe ao touro, reduzindo
todo seu corpo ao que é seu cinto,
e nesse cinto toda a vida
que expõe ao touro, oferecida
para que a rompa; com o frio
ar de quem não está sobre um fio.*



Dentro do bar há um palco onde um músico toca umas *seguiriyas*. O poeta sente que seus batimentos cardíacos entraram em sintonia com os acordes do violão. Neste momento, uma bailaora que estava sentada ao lado do violonista levanta e começa a *palmear*. Ela realiza três giros seguidos e parece que seu corpo se torceu inteiro, agora parada suas mãos realizam movimentos suaves. Ao lado do poeta, um homem risca um fósforo, as chamas realizam o mesmo movimento suave da bailadora. O homem acende um cigarro e apaga o fósforo. O poeta retira novamente o papel do bolso e escreve os versos finais de um poema que ele viria a terminar mais tarde:

Estudos para uma Bailadora Andaluza

(...)

*Porém a imagem do fogo
é num ponto desmentida:
que o fogo não é capaz
como ela é, nas seguiriyas,*

*de arrancar-se de si mesmo
numa primeira fálsea,
nessa que, quando ela quer,
vem e acende fibra a fibra,*

*que somente ela é capaz
de acender-se estando fria,
de incendiar-se com nada,
de incendiar-se sozinha.*

(...)

Glossário

Bailaora bailarina de flamenco

Barrio bairro

Calle rua

Gitanos / gitanas ciganos espanhóis, geralmente oriundos das famílias que deram origem à arte flamenca.

Palos nome dado aos diferentes estilos musicais do flamenco

Plaza praça

Seguiriyas nome de um estilo musical do flamenco. Surgiu no começo do século XIX

Tablado bar onde a principal atração é o flamenco

Taranto nome de um estilo musical do flamenco. Ritmo mais lento, com temas sóbrios como morte

Cabral conta que enquanto morou em Sevilha conheceu um amigo próximo de Manolete, o toureiro mais conhecido da Espanha. Manuel Laureano Rodríguez Sánchez, o Manolete, nasceu em Córdoba e morreu em 1947, durante uma tourada em Jaén. Levou uma cornada do touro que enfrentava e morreu momentos antes do touro. Há hoje em Córdoba uma estátua em homenagem a ele. O poeta adorava os movimentos do toureiro e fala com orgulho que o amigo de Manolete dizia que se ele ainda fosse vivo seria o melhor amigo de Cabral, pois nunca tinha visto na vida duas personalidades tão parecidas.

A morte Cabral disse, certa vez, que se pudesse escolher um lugar para morrer, escolheria Sevilha ou o Rio de Janeiro. Morreu em um sábado, dormindo em seu apartamento no Rio. E por ser sábado à noite nenhum jornal conseguiu publicar a notícia de sua morte no dia seguinte. A Folha de S. Paulo conseguiu fazer circular na capital paulista um caderno especial em homenagem ao poeta, mas o resto do país ficou sem a informação. Apenas na terça-feira é que os jornais publicaram reportagens especiais sobre a morte do pernambucano. Por causa do feriado, muitos leitores de jornal só tomaram conhecimento na quarta-feira, quatro dias depois. Houvesse morrido em Sevilha, ele seria enterrado em Triana e os gitanos bailariam por *taranto* para lamentar a morte do poeta flamenco.

Por Luíza Ferreira

SAMU 192. Qual é a ocorrência?

De piti de bêbado à busca por UTI – uma noite como “samuzeiro”

De uma coisa Eduardo tem certeza: nunca se deve viajar com vontade de fazer xixi. “Bexiga cheia é perigosíssimo”, alerta enfaticamente. Em um acidente de trânsito, uma inocente bexiga cheia é a primeira a sofrer com impacto e estourar. “Daí, só com reconstrução cirúrgica”. Kátia fica assustadíssima com a descoberta, mas diz que nem está tão “apertada” e prefere esperar para usar o banheiro do SAMU de Florianópolis. Tudo bem que por lá os banheiros não são assim tão limpos, mas com certeza são melhores que o asfalto da BR 101 numa madrugada de sábado para domingo.

Eduardo Tessari é médico e Kátia Demétrio, enfermeira. Os dois trabalham no Serviço de Atendimento Móvel de Urgência (SAMU) de Florianópolis. Já passa da meia noite e eles, juntamente com Luís Augusto Porto, motorista socorrista, estão no acostamento da rodovia BR 101 na altura de Itapema. Eles esperam um paciente que está sendo trazido de São Bento do Sul por uma ambulância de Joinville. A equipe saiu da sede do SAMU, que fica no centro da capital, exatamente às 23h23 para chegar ao destino à 00h30. Não havia pressa, pois o SAMU de Joinville sempre deixa o pessoal “mofando na estrada”, desabafa a enfermeira.

Antes de sair de Florianópolis, Kátia pergunta se a repórter está acostumada a viajar de ambulância. Mesmo com a resposta afirmativa, a enfermeira oferece remédios para enjoar. A repórter recusa. “Se você mudar de ideia quando o paciente chegar, é só avisar. A gente nunca sabe como eles estão”. Com a possibilidade de encontrar uma cena forte, é melhor saber o que aconteceu. Um homem de 38 anos foi atropelado, explica Kátia. Um “polifratricado”, na linguagem SAMU. Nesses casos, o rosto pode estar com vários fe-

rimentos ou pode haver alguma fratura exposta. “Mas acho que ele vai estar arrumadinho”. Melhor assim.

Teco, o assassino Depois de conferir todos os equipamentos da ambulância e se os passageiros estão com o cinto de segurança, Luís Augusto liga as luzes da USA 4 (Unidade de Suporte Avançado), uma UTI móvel usada para transferência interestadual e inter-regional de pacientes. Partimos para Itapema. Mas antes de chegar à rodovia, a equipe faz uma parada na loja de conveniência de um posto de gasolina para o motorista comprar balas “7 Belo” e outras guloseimas. Kátia aproveita para se divertir com o companheiro de plantão: “Mas é uma formiguinha mesmo!”.

“Todo samuzeiro é igual. Alegre e com as mesmas psicoses que nos faz trabalhar aqui no SAMU”

Rondon Moura - médico

Aliás, algum desavisado nem desconfia que ela está no segundo plantão do dia. Desde as 7h de sábado ela está trabalhando no SAMU. O certo seria trabalhar 12 horas (duração de um plantão) e depois folgar 48. Mas, algumas vezes, os funcionários trabalham dobrado. Assim, Kátia ficará no SAMU até as 7h de domingo. Vinte quatro horas de trabalho ininterruptas, que deixariam qualquer um com sono ou, pelo menos, com um leve

mau-humor. Contudo, ela continua rindo e achando graça de todas as piadas de Eduardo. Algumas realmente boas, outras nem tanto.

Eduardo também está no segundo plantão do dia. Veio de Curitiba, onde trabalhou 12 horas no SAMU da cidade. Chegou às 17h em Florianópolis e às 19h já estava começando um novo plantão. “E ainda tenho que passear com o Teco amanhã de manhã”. Teco – o assassino, para os mais íntimos – é o yorkshire da família. O apelido, explica Eduardo, é devido à capacidade que o mascote tem de “assassinar” a reputação do dono. Também pudera: caminhar com um cachorro que não chega a ter meio metro de altura e que, além disso, usa xaquinha e cachecol, não deve ser nada bom para a imagem de ninguém.

Nas manhãs de domingo, a dupla caminha pela beira-mar de Florianópolis. O médico de estatura mediana usa tênis Adidas e cultiva uma pequena barba. Uma discreta careca perto da nuca denuncia a chegada dos quarenta e poucos anos, mas os fios brancos ainda não vieram. Os cabelos estão bem castanhos.

Estradas doentes Eduardo está otimista quanto à chegada do paciente.

“Ligaram do hospital de Itajaí oferecendo um leito na UTI de lá. Isso nunca mais vai acontecer!”

Hignas Goulart - médico

“Vai chegar daqui a pouquinho e bem arrumadinho”. Realmente a ambulância logo chega. A vítima está com o rosto todo enfaixado. Apenas a testa, o nariz e os olhos estão aparecendo. No pescoço, um colar cervical. Um cobertor cobre seu corpo dos pés até a altura dos ombros. Enquanto Eduardo, Luís Augusto e mais dois homens do SAMU de Joinville transferem o paciente de uma ambulância para outra, Kátia vai acompanhando a movimentação. A mãe da vítima parece um pouco assustada.

Até o hospital Celso Ramos, no centro de Florianópolis, será pouco menos de uma hora. O paciente vai completar mais de 259 quilômetros dentro da ambulância, distância entre São Bento do Sul e a capital. Ele ficou deitado sobre uma prancha de madeira durante toda a viagem. Como não foram feitos exames para detectar alguma fratura na coluna, seria arriscado colocá-lo em outro tipo de superfície.

O homem geme a cada pequena alteração no asfalto da rodovia, nem precisa ser um grande buraco. O sacolejar provocado pelos defeitos da estrada é potencializado dentro do veículo. Estradas realmente não foram feitas para doentes.

Qual a ocorrência, senhora? O médico Rondon Cademartori de Moura chegou falando muito e muito alto com um sotaque que dispensa se apresentar como gaúcho. Eram sete horas da noite, início do plantão. Cumprimentou a todos e foi logo dizendo que não importa onde se vá, Rio Grande do Sul, Santa Catarina ou São Paulo: todo “samuzeiro” é igual. “Alegre e com as mesmas psicoses que nos leva a trabalhar no SAMU”. Ao final da frase, solta uma risada alta e forte enquanto repousa os braços na barriga saliente. Ao escutar isso, Eduardo, também rindo, garante: “Está vendo como sou o mais normal por aqui?”.

Dentro da Central de Regulação Médica de Florianópolis há menos risadas. É nessa sala que as ligações para o 192 são atendidas. O médico Saule Pastre Júnior reclama do computador que está com o mesmo problema do dia anterior. A TV está ligada na novela das sete. Um sofá com lençol e travesseiro anuncia que tem gente esperando dormir durante o plantão.

A sala é ampla, com uma mesa dividida por baías, como se fosse uma central de telemarketing. No canto, próxima a parede, fica a baía de Scheylla Weiner, uma das TARM (Técnica Auxiliar de Regulação Médica) desse plantão. “SAMU 192. Qual a ocorrência, senhora? Qual o endereço, senhora? Não escutei, senhora. A senhora poderia informar um ponto de referência? Só um momento, senhora”. Com um leve tom mal-humorado, Scheylla vai repetir essas perguntas noite adentro. Ela e sua

Samuzeiros enfrentam longas distâncias, estradas precárias, jornada dupla e trotes

colega, Deise Hames atendem às ligações do SAMU. Depois de coletar os dados do paciente, elas repassam a ligação para um dos médicos reguladores.

Entre um telefonema e outro, Scheylla conta que está no SAMU desde sua criação, há dois anos. A maquiagem e o cabelo muito liso e bem escovado denunciam que ela é uma jovem vaidosa. A produção é completa: rímel e lápis preto nos olhos extremamente verdes e esmalte vermelho nas unhas.

Quando volta com café que foi buscar na cozinha, reclama do sapato. A palmilha está soltando. Nada que uma cola bastão não resolva rapidinho. Pronto, lá está Scheylla de novo com seu “SAMU 192. Qual é a ocorrência?”.

Piti de bêbado Um homem de 51 anos está inconsciente e respirando com dificuldade. Ele faz uso de remédios controlados e ingeriu bebida alcoólica. Dessa vez, a ocorrência é atendida pela USA 3, outra unidade de suporte. Com luzes e sirenes ligadas, o veículo sai em “código 1” (indicação que a ocorrência é de extrema urgência). Usando esse código, a ambu-

40% das ligações recebidas são trotes

Em menos de dez minutos, o telefone tocou mais de 10 vezes. Em algumas ligações ninguém do outro lado da linha. Em outras, crianças gritavam. “Esses são os trotes mais comuns”, reclama Deise. Há também os bêbados que ligam para xingar a equipe. Na página inicial do SAMU na internet, um texto informa que cerca de 40% das ligações recebidas são trotes.

No relatório janeiro/agosto 2007 do SAMU, os dados impressionam. Nas sete centrais de Santa Catarina (Chapecó, Florianópolis, Joinville, Criciúma, Blumenau, Joaçaba e Lages), de 317.126 ligações recebidas, 26% foram trotes (mais de 110 mil).

lância pode atravessar sinal vermelho e tem preferência em cruzamentos.

Numa rua estreita, de terra, no bairro Itaguaçu (região continental de Florianópolis) os vizinhos se aglomeram em volta do homem que está deitado no chão, com um travesseiro sob a cabeça e com um cobertor cobrindo seu corpo até a altura dos ombros.

O filho do paciente se aproxima e explica que o pai bebeu e foi até o local muito nervoso, “querendo bater em todo mundo”. A solução foi agarrá-lo pelas costas “de um jeito que ele sempre desmaia”.

A calça jeans desbotada e a camiseta azul marinho do homem estão sujas de terra e de sangue. Glicose e soro na veia. Curativo na mão. Medem a pressão arterial, “PA” na linguagem SAMU. Ele já pode ser levado para a casa. A esposa se aproxima. Uma mulher com seus 50 e poucos anos, cabelos amarrados num coque mal feito, usando um casaco de linhã, num rosa meio desbotado e uma calça na altura do tornozelo.

A ambulância pára numa casa com muro sem acabamento no bairro Jardim Atlântico. O homem se debate enquanto é carregado para dentro de casa. A enfermeira Simone diz que esse é o clássico “piti de bêbado”, bem comum no SAMU. Para os que não sabem, o Guia dos Curiosos explica que “piti” é ataque histérico; dar es-

cândalo”. A enfermeira garante que “piti” de homem é muito pior que de mulher. “Homem inventa de quebrar tudo, bater em todo mundo”. Antes de voltar para ambulância, a enfermeira recomenda que a esposa do paciente lhe dê um chazinho de boldo e um café bem forte.

UTI, artigo de luxo Na entrada da central, o médico Hignas Goulart repete a última novidade para todos que passavam por ele. “Ontem ligaram do hospital de Itajaí oferecendo um leito na UTI de lá. Isso nunca mais vai acontecer! Essa tem que entrar para o livro do SAMU!”. Existe pelo menos uma unanimidade no SAMU de Florianópolis: encontrar uma vaga numa Unidade de Tratamento Intensivo é a tarefa mais difícil e desgastante do trabalho deles.

A função do SAMU é realizar o atendimento pré-hospitalar nos casos de urgência, tanto em acidentes quanto em situações classificadas como casos clínicos (quando, por exemplo, alguém se sente mal em casa). Assim, o SAMU presta os cuidados médicos e, se necessário, transporta o paciente para um ambulatório ou hospital.

É aí que começa a parte difícil. Os médicos que ficam na central do SAMU realizam uma verdadeira peregrinação telefônica por vários hospitais para achar um leito. “Onde tem vaga falta equipamento ou médico, e onde tem médico e equipamento falta vaga”, reclama o médico Saule Pastre Júnior, da Central de Regulação Médica, enquanto tenta achar uma vaga para uma jovem que aparentemente estava abortando.

Na tentativa de achar um leito recebeu vários “não”. Em um dos hospitais, a enfermeira desligou o telefone em sua cara. “Ela disse: pode trazer, mas não tem vaga. E bateu o telefone”. A solução foi mandar a USB (Unidade de Suporte Básico) que cuidava da paciente se encaminhar ao hospital na situação de “vaga zero”, como manda a apostila do SAMU de Santa Catarina. Isso significa encaminhar um paciente para o hospital mais próximo, independente da existência de vaga.

Por Sabrina Carozzi



Era lixo, agora é esperança

Sangue da placenta e do cordão umbilical trazem esperança para pesquisas com células-tronco

Embora pareça recente, o uso de células-tronco para curar doenças é feito desde 1957, ano em que foi realizado o primeiro transplante de medula óssea. Muitas vezes associadas a embriões e fortemente envolvidas por dilemas éticos, as terapias que utilizam células-tronco nem sempre são compreendidas. Parte da confusão se inicia pela falta de entendimento do conceito e da procedência dessas células. "Uma célula, para ser definida como célula-tronco, tem que ter duas propriedades: auto-renovação, que é a capacidade de originar outra igual a ela; e potencialidade para originar vários tipos

celulares diferentes, no mínimo dois", esclarece a bióloga e pesquisadora Andréa Trentin, da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Além das embrionárias, existem as adultas, encontradas no sistema nervoso, fígado, intestino e na medula. As células-tronco de embriões podem formar qualquer tecido do corpo. Já as adultas têm capacidade de diferenciação menor, como as hematopoiéticas (obtidas na medula) que dão origem apenas a glóbulos brancos, vermelhos e plaquetas.

No Brasil, o primeiro transplante de medula óssea foi realizado em 1979, no Hospital das Clí-

nicas da Universidade Federal do Paraná (UFPR). O tratamento é indicado nos casos de leucemia, câncer de mama, imunodeficiência severa, entre outros. O procedimento consiste na aplicação de células-tronco retiradas do próprio paciente (transplante autólogo) ou de um doador (transplante alogênico). A grande dificuldade dessa terapia está em encontrar um doador compatível quando a doença é genética e não se pode realizar um transplante autólogo. A descoberta do sangue de cordão umbilical e de placenta como fontes de células-tronco hematopoiéticas trouxe novas esperanças. Essas células são menos maduras que

as da medula e garantem maior probabilidade de compatibilidade.

Foi pensando em possibilidades terapêuticas que a enfermeira Soraia Alberton e o endocrinologista Urubatam Alberton resolveram guardar o sangue do cordão umbilical de seu segundo bebê. "A importância de se conservar o sangue de cordão se dá pela descrição do genoma humano e possível descoberta de genes responsáveis por algumas doenças que provavelmente vão ser curadas um dia através da manipulação genética", diz o pai.



O casal Alberton guardou as células-tronco da caçula, na esperança de curar a doença do primeiro filho

Linha de produção

Um transplante de células-tronco obtidas a partir de cordão umbilical só pode ser realizado em pessoas de até 40kg, devido à pequena quantidade de células existente no cordão. Entretanto, é possível aumentar o número de indivíduos beneficiados pela terapia com a proliferação destas células.



1ª Etapa

Coleta do sangue de cordão umbilical e placentário. A dissociação entre o sangue e os pedaços de placenta e de cordão é feita em duas fases:

- 1.1 – Mecânica
- 1.2 – Enzimática

2ª Etapa

Aqui são separadas as células-tronco dos outros componentes sanguíneos (glóbulos brancos, glóbulos vermelhos e plaquetas). O processo se dá por decantação: a substância mais densa deposita-se no fundo do tubo enquanto a menos densa flutua.



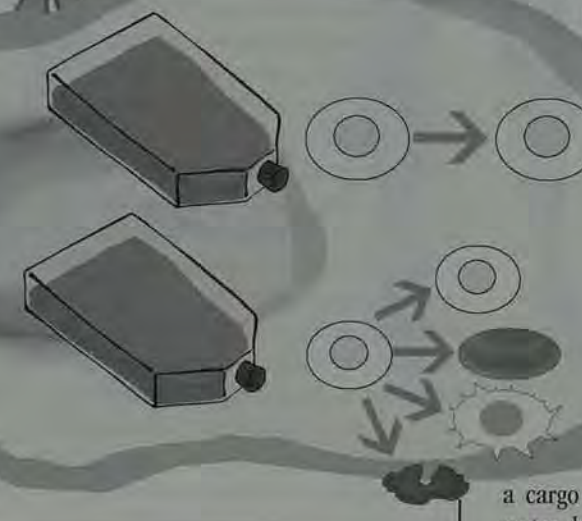
4ª Etapa

Após o processo de isolamento, as células-tronco hematopoiéticas serão cultivadas em meio semi-sólido. O diferencial das pesquisas da UFSC está em envolver as células mesenquimais no processo de multiplicação das hematopoiéticas. Isso assegura que haja apenas replicação, sem chances de que as células-tronco se transformem em células sanguíneas.

Sem a mesenquimal – replicação e diferenciação
Com a mesenquimal – somente replicação

3ª Etapa

Agora, a dissociação entre as células-tronco hematopoiéticas e mesenquimais é feita por um processo magnético. Adiciona-se à mistura um anticorpo que reconhece a proteína CD-34, presente nas células hematopoiéticas, o que faz com que estas se agrupem ao anticorpo. Este anticorpo, por sua vez, está acoplado a uma partícula com carga magnética, que será atraída por um ímã, separando os dois tipos de células-tronco.



Hemosc inaugura banco de sangue de cordão umbilical

Quando o casal Soraia e Urubatam Alberton decidiu guardar o sangue de cordão umbilical de sua filha, a única opção em Santa Catarina eram os bancos privados. "Há dois anos, pagamos 4,5 mil reais pelo serviço de coleta e conservação, e por todos os exames necessários. Para a manutenção, pagamos uma anuidade de 500 reais", afirma Urubatam. A partir de março do próximo ano, segundo previsão de Guilherme Genovez, diretor do Centro de Hematologia e Hemoterapia de Santa Catarina (Hemosc), os pais que quiserem doar o sangue do cordão de seus filhos contarão com um banco público no Estado.

O banco de Santa Catarina fará parte da BrasilCord, rede idealizada pela Sociedade Brasileira de Transplante de Medula Óssea (SBTMO) e apoiada pelo Ministério da Saúde, que interliga bancos de sangue de cordão umbilical (BSCUP) de diferentes Estados. O primeiro banco público do Brasil, implantado em 2001 no Rio de Janeiro pelo Instituto Nacional do Câncer (INCa), é a base para implementação desta rede. O BSCUP do INCa contém duas mil amostras de sangue guardadas. Em São Paulo, outros dois bancos também já estão funcionando, na Unicamp e no Hospital Albert Einstein. O projeto deve se estender ainda para Rio Grande do Sul, Paraná, Minas Gerais, Pará, Ceará, Pernambuco e um no Centro-Oeste.

Em Santa Catarina, a implementação do banco ficou a cargo da administração estadual e os custos de coleta e manutenção do sangue

está sendo desenvolvida por pesquisadores da UFSC. A técnica induz a multiplicação dessas células in vitro.

As investigações com células-tronco hematopoiéticas na UFSC tiveram início em 2002, ligadas ao grupo de pesquisa Neurobiologia e Hematologia Celular e Molecular. O coordenador Márcio Alvarez da Silva, após concluir um projeto de caracterização dessas células, trabalha em pesquisas para sua proliferação. Ele esclarece que a quantidade de células-tronco hematopoiéticas no sangue do cordão umbilical é reduzida porque "as células do cordão estão de passagem, não são residentes, enquanto na medula óssea são".

No desenvolvimento da pesquisa, Silva observou que no sangue de cordão está presente também a célula-tronco mesenquimal – formadora de ossos, cartilagem, adipócitos (gordura). Sabendo que a célula-tronco hematopoiética não é capaz de sobreviver sozinha, o pesquisador associou este fato à existência da célula mesenquimal. Foi a partir dessa hipótese que realizou experimentos

e constatou que a mesenquimal atua como substrato da hematopoiética, não somente para sua sobrevivência, como também para sua proliferação, através da produção de hormônios específicos.

Induzir a ampliação de células-tronco pode ser um processo arriscado. A linha que separa a proliferação destas células – para fins terapêuticos – e a formação de tumores é tênue. "Eu não posso pegar uma célula-tronco e dizer: 'Eu te curar, vou injetar uma célula em você e vai formar alguma coisa'. Essa alguma coisa pode ser até um câncer", explica o pesquisador. De acordo com ele, isso ocorre porque, assim como os tumores, as células-tronco crescem com muita rapidez. "A gente tem que manipular primeiro a célula in vitro antes de ter uma abordagem terapêutica", afirma. As próximas etapas de pesquisa são os testes pré-clínicos (testes em animais) e a resolução de questões específicas como desenvolver uma técnica para melhorar a atuação da célula-tronco mesenquimal como suporte da hematopoiética.

Por Elaine Mamini e Mayara Ribaldi



Bolsas de sangue que ficam mantidas nos freezers de conservação

serão de responsabilidade do governo federal. Conforme Genovez, "a implantação da estrutura deve custar cerca de um milhão de reais, enquanto os gastos por cordão giram em torno de três mil". A coleta deve acontecer em todo o Estado, iniciando pela capital. O bioarchive, equipamento que armazena o sangue, tem capacidade para guardar três mil amostras. A meta do Hemosc é colher 300 cordões por ano.

Nem todo sangue de cordão pode ser utilizado para fins terapêuticos. Antes de doar, as mães precisam passar por um processo de seleção. "Estas mulheres não podem ter nenhum tipo de doença. Não podem ter diabetes, reumatismo, a gravidez deve ter transcorrido de maneira adequada, e elas não podem ter comportamento sexual de risco", adverte o diretor do Hemosc. Seis meses depois, mãe e bebê retornam para realizar novos exames. Caso alguma anomalia seja detectada, o sangue será inviabilizado e encaminhado para pesquisa científica. E.M. e M.R.

O sangue como remédio

Tratamento sem respaldo científico ganha popularidade e gera discussão entre especialistas

Injeções de sangue para o tratamento de diversas doenças, desde a cura da bronquite até o retardamento da esclerose múltipla. Esse é o princípio da auto-hemoterapia, técnica que se difundiu pela internet e vem sendo utilizada em todo o país. A polêmica em torno da auto-hemoterapia se iniciou com a divulgação do DVD Auto-hemoterapia: Contribuição para a saúde (2002), onde o clínico-geral Luiz Moura relata os benefícios da técnica. Grande parte da classe médica, preocupada com a popularização do tratamento, tenta desmistificar o método ainda não reconhecido pela comunidade científica.

A auto-hemoterapia consiste na retirada de sangue da veia e aplicação imediata deste no músculo do braço ou das nádegas. O médico Luiz Moura afirma que essa prática estimula o aumento da produção dos macrófagos pela medula óssea, por que o sangue funciona como um corpo estranho a ser rejeitado pelo sistema imunológico. "A taxa normal de macrófagos no sangue é de 5%.

Com a auto-hemoterapia nós elevamos essa taxa para 22%, o que resulta num estímulo imunológico poderosíssimo". O médico carioca aplica a auto-hemoterapia desde os anos 40, quando era estudante de medicina. Ele defende a utilização da técnica em casos de doenças infecciosas (acne, hepatite, pneumonia, toxoplasmose), alérgicas (asma, bronquite, alergia cutânea), doenças auto-imunes (lúpus, esclerose múltipla, artrite reumatóide, esclerodermia), corpos estranhos (cistos ovarianos, miomas, ovários policísticos), gangrena e obstrução de vasos sanguíneos. Moura garante que, em alguns casos, é possível se chegar à cura, como no tratamento de acne, bronquite, alergias, cistos, e em outros casos, como câncer e esclerose múltipla, a auto-hemoterapia complementar os tratamentos.

Instituições médicas desaprovam
A Agência Nacional de Vigilância Sanitária (Anvisa) publicou em 13 de abril de 2007 uma nota técnica alertando que a prática

da auto-hemoterapia "pode causar reações adversas, imediatas ou tardias, de gravidade imprevisível". Instituições profissionais, nacionais e estaduais, também se posicionaram contra o tratamento. A Sociedade Brasileira de Hematologia e Hemoterapia (SBHH) divulgou em março de 2007 um comunicado em que não reconhece o procedimento do ponto de vista científico. Os Conselhos Federais de Medicina (CFM) e de Enfermagem (CFE) alertam que tal método não foi submetido a estudos clínicos de eficácia e segurança e por isso não recomendam sua prática. A resolução do CFM nº 1499, de 26 de agosto de 1998, proíbe aos médicos a utilização de práticas terapêuticas não reconhecidas pela comunidade científica. Para a conselheira do Conselho Regional de Medicina (CRM-SC), Rosana Marcon Leonetti, houve inversão no caso da auto-hemoterapia. "Toda conduta médica é baseada primeiro em conceitos e pesquisas absolutamente comprovados do ponto de

vista científico. Depois que uma comissão de ética avalia a proposta é que se parte para os testes em humanos". Ela ainda diz que hoje em dia os tratamentos são cada vez mais específicos. "Quando eu vejo um tratamento que é bom pra tudo eu já fico desconfiada", revela Rosana. A maioria dos médicos que se posiciona contra a técnica atribui a melhoria dos sintomas ao efeito placebo, quando o paciente acredita tanto na cura que acaba melhorando.

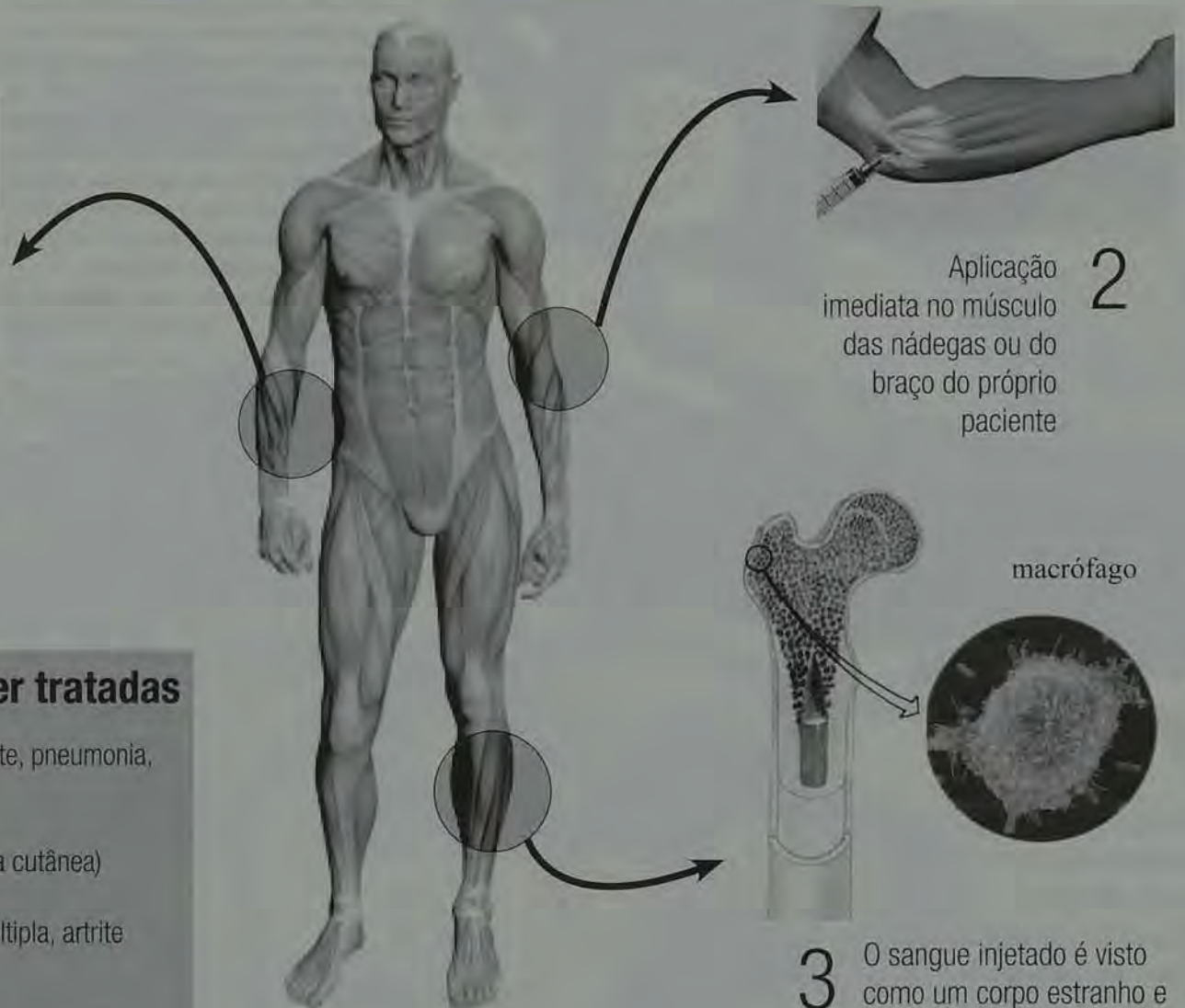
No DVD sobre os benefícios da auto-hemoterapia, o médico Luiz Moura reconhece a falta de respaldo científico para o procedimento que ele divulga. Ele cita duas publicações: o texto 'Autohemotransusão: Complicações pulmonares pós-operatório', (1940) do cirurgião torácico Jessé Teixeira e 'Imunoterapia: O impacto do século XX' (1976) de Ricardo Veronesi, professor da USP. O primeiro trabalho versa sobre a aplicação de auto-hemoterapia em pacientes que foram submetidos à cirurgia de pulmão. A pesqui-

Entenda como funciona o processo de auto-hemoterapia

Billy Tampa



- 1 Retirada de sangue da veia do braço (de 5 a 20 ml, dependendo da gravidade do caso)




- 2 Aplicação imediata no músculo das nádegas ou do braço do próprio paciente

- 3 O sangue injetado é visto como um corpo estranho e segundo seus defensores acelera a produção de macrófagos, o que aumenta a imunidade

Doenças que podem ser tratadas

- doenças infecciosas (acne, hepatite, pneumonia, toxoplasmose)
- alérgicas (asma, bronquite, alergia cutânea)
- auto-imunes (lúpus, esclerose múltipla, artrite reumatóide, esclerodermia)
- corpos estranhos (cistos ovarianos, miomas, ovários policísticos)
- gangrenas e obstrução de vasos sanguíneos



sa, baseada na observação de 150 pacientes, não obteve nenhum caso de infecção hospitalar ou complicações pós-operatórias, como pneumonia aguda, embolia pulmonar ou bronquite. Teixeira concluiu que as complicações infecciosas podem ser prevenidas pela prática que ele chamava de autohemotransfusão. Já no segundo texto citado, não há menção sobre a auto-hemoterapia, apenas apresenta os componentes e as funções do sistema imune, já reconhecidos pela medicina. No Brasil, os primeiros registros sobre a prática da auto-hemoterapia para tratar doenças infecciosas, como a febre tifóide, datam de 1911 e foram escritos por F. Ravaut de acordo com artigo publicado no site da Associação Brasileira de Medicina Complementar Moura.

Para o chefe do serviço de Hemoterapia do Centro de Hematologia e Hemoterapia de Santa Catarina (Hemosc), Rodolfo Ramos, a auto-hemoterapia não traz nenhum benefício para a saúde e ainda pode colocar em risco a pessoa que utiliza esse tratamento: "Quando se injeta algo dentro do músculo, você provoca uma inflamação, o sistema imunológico responde e vai aumentar os macrófagos. Na verdade, você está injetando um corpo estranho, apesar de ser sangue da própria pessoa, o sangue não está dentro

do músculo, ele está dentro de uma veia ou artéria. Se injetar uma seringa d'água, vai acontecer a mesma coisa. Se alguém espetar uma farpa e depois dosar os macrófagos, ele vão estar aumentados".

A médica do Serviço de Hemoterapia e Hematologia do Hospital Universitário da UFSC, Vera Lúcia Ferreira, também se posiciona contra a técnica por que não há experimentos científicos que comprovem a eficácia desse método. "Não se pode trabalhar com experiências aleatórias quando se trata de seres humanos". Ela diz ser necessário que se façam estudos clínicos em animais e depois em humanos para verificar se há efeitos adversos.

Terapeutas defendem tratamento


O homeopata e clínico-geral Léo Coutinho, defensor da auto-hemoterapia, considera que a descrença da classe médica em relação a essa prática é "preconceito, orgulho". "Isso é medicina baseada em evidências, já se sabe que o aumento da imunidade faz qualquer coisa melhorar". Ele não considera um erro o fato de médicos utilizarem a auto-hemoterapia em seus consultórios sem a autorização do Conselho de Medicina: "O próprio código de ética confere ao médico o direito de fazer a indicação que ele julga adequada ao paciente", afirma o homeopata. O Código de Ética Médica porém, prevê em seus artigos, um comportamento profissional baseado em tratamentos reconhecidos e previamente aprovados por uma comissão científica. (ver Box)

Ida Zaslavsky, enfermeira e terapeuta corporal também se diz entusiasta da auto-hemoterapia. Para ela a polêmica en-

volvendo a terapia veio para favorecer, dar reconhecimento e regularizá-la. Ida aplica a técnica há 13 anos e já tratou de mais de 500 pacientes com resultados satisfatórios em doenças como depressão, asma, bronquite, fungos, diabetes e colesterol alto. As pessoas vão até seu consultório no Centro de Florianópolis por indicação. A terapeuta faz questão de salientar que a auto-hemoterapia sempre foi vista como uma terapia complementar, sem substituir o tratamento convencional. "A auto-hemoterapia não interfere no tratamento, não combate o efeito do remédio, pelo contrário vai aumentar a imunidade do organismo para ajudar o efeito do remédio", explica Ida. Por não ser uma especialidade médica, essa terapia pode ser desenvolvida por qualquer enfermeiro ou terapeuta desde que tenha noções de higiene e saiba aplicar injeção.

Ela relata o caso de um paciente de 12 anos com câncer no fêmur e que utilizou a técnica como complemento à quimioterapia. "A auto-hemoterapia fortaleceu o organismo para passar por essa agressão. Ela ajuda a diminuir as reações que o tratamento de câncer costuma causar, como diarreia, vômito, enjôo". A enfermeira ainda diz que tudo é feito com acompanhamento médico. Ela lembra de um caso em que aplicou auto-hemoterapia em um paciente com atrofia do nervo ocular, e houve recuperação de 80% da visão, atestada por oftalmologista. Segundo Ida, as pessoas que fazem esse tratamento assinam um termo de responsabilidade sabendo que ele não substitui nenhum medicamento.

Um dos primeiros casos tratados por Ida foi o de Alexandre Góss. Depois de tentar quase tudo para tratar a acne do filho de 14 anos, sem obter resultados, a mãe do menino o levou para aplicar auto-hemoterapia. "Na primeira vez que fiz me senti muito bem disposto o dia seguinte e apenas com o local da aplicação dolorido por conta da quantidade de sangue depositado no braço", relata Alexandre. Em seis meses, ele fez aplicações de sete em sete dias. Durante o tratamento, o jovem continuou



usando um ácido que já vinha usando há muito tempo e que segundo ele não surtia efeito. Mas após o uso da auto-hemoterapia, Alexandre garante: "eu senti que com o tempo minha pele foi melhorando".

Outra defensora da técnica é a terapeuta Beatriz*. Ela atende em uma sala comercial discreta, em um edifício antigo no centro de Florianópolis. Não há placas indicando que ali é um consultório. Mas nesse local, ela faz aplicações em cerca de 50 pessoas, as quais, em geral, conheceram a técnica através do DVD do médico Luiz Moura. E foi por meio desse DVD que Beatriz começou a se interessar pelo assunto. A princípio, ela e o marido queriam divulgar a ideia e, para isso, distribuíam cópias do DVD para os amigos. Até que o marido, que é dentista e sabe aplicar injeções, ensinou-lhe o procedimento. A terapeuta começou a realizar o tratamento em seus familiares e depois que adquiriu prática, passou a realizar o procedimento em seu consultório.

Beatriz afirma que a probabilidade de infecção é igual à de qualquer outra aplicação feita com seringa. "Se forem tomados os cuidados necessários em relação à higiene, como o uso de seringa descartável e de álcool para a limpeza, não há riscos". A terapeuta aponta como verdadeiro perigo as pessoas que fazem as aplicações sozinhas, sem os devidos cuidados. "E se elas usarem a mesma injeção que utilizaram na semana anterior, e se compartilharem a injeção com o companheiro?", indaga, imaginando uma situação de risco.

Por Ana Paula Flores e Ana Carolina Dall'Agnóli

Pacientes descrevem benefícios relacionados à técnica polêmica

Os cabelos brancos do empresário Vilmar* denunciam seus 63 anos, mas a vitalidade que esbanja coloca sua idade em dúvida. Nem sempre foi assim. A maior disposição foi o primeiro resultado do tratamento que buscou em janeiro de 2007: a auto-hemoterapia. "Me faz muito bem, eu não quero parar", afirma com convicção.

As seqüelas causadas pela toxoplasmose levaram o empresário a procurar o tratamento. Na primeira vez em que teve a doença, mesmo com o uso de medicamentos, houve lesão no córtex, que acabou por afetar sua visão. No final do ano passado, a doença reincidiu e causou outra lesão cerebral. Enquanto estava seguindo o tratamento recomendado por seu médico, Vilmar iniciou a auto-hemoterapia. Mesmo após o fim do tratamento convencional, prosseguiu com a técnica por cinco meses. Adiou a consulta com neurologista justamente para observar se a auto-hemoterapia iria influenciar nos resultados. Até mesmo o médico surpreendeu-se com o diagnóstico: a primeira lesão estava calcificada e a segunda, sumiu.

A massoterapeuta Roberta*, 42 anos, também procurou a auto-hemoterapia para tratar a

toxoplasmose. Confinada em um quarto escuro durante 15 dias, com fraqueza, dores de cabeça e no corpo, olhos tão sensíveis que a escuridão foi a única saída encontrada para que a luz não a incomodasse mais. É assim que Roberta relata a evolução da doença que teve final de 2001. A toxoplasmose causou-lhe uma inflamação ocular, a uveíte, que atinge estruturas como a retina, o vítreo e a córnea. O tratamento completo da doença levou cerca de um ano. "O tratamento convencional limita a vida", constata Roberta, ao recordar todas suas dores e privações.

No final de 2006, a doença retornou, mas os incômodos sintomas não se repetiram. Roberta garante que sua rotina não mudou. Para ela, o alívio dos sintomas tem uma única resposta: auto-hemoterapia. A massoterapeuta esclarece com este tratamento sentiu-se muito mais forte para enfrentar a doença. Sua disposição e imunidade, resultados trazidos pela auto-hemoterapia, ajudaram-na a reagir melhor ao tratamento convencional, não descartado enquanto utilizava o método alternativo. "É uma técnica revigorante e fortalecedora".

* Os nomes foram alterados a pedido dos entrevistados

O Código de Ética Médica regulamenta que é vedado ao médico:

Art. 44 "Deixar de colaborar com as autoridades sanitárias ou infringir a legislação pertinente"

Art. 124 - "Usar experimentalmente qualquer tipo de terapêutica, ainda não liberada para uso no país, sem a devida autorização dos órgãos competentes e sem consentimento do paciente ou de seu responsável legal, devidamente informados da situação e das possíveis conseqüências".

Art. 127 - "Realizar pesquisa médica em ser humano sem submeter o protocolo à aprovação de comissão isenta de qualquer dependência em relação ao pesquisador"

Art. 142 - "O médico está obrigado a acatar e respeitar os acordos e resoluções dos Conselhos Federal e Regionais de Medicina"





Quase 5 mil pessoas marcharam pelas ruas de Florianópolis naquele 31 de maio. A maior parte deles eram estudantes, tanto secundaristas quanto universitários. Sem líderes, a direção da passeata era decidida pelos gritos dos manifestantes de esquina em esquina. Policiais Militares acompanharam a passeata, bloqueando-a quando se dirigia para a Beira-Mar Norte

narrativa

Massa estética

Considerações sobre os protestos estudantis do dia 31 de maio de 2007

Narizdepalhaço cachecol-listrado temocinza calça jeans luvapreta [em uma única mão] tambor baqueta bum bum bum blusas cachecol-amarelo barba mala pedaço de alumínio panobranco bate pula joga-no-chão tapaf cataplaf meiacalça preta shorts jeans jaquetinhavinho allstar prendedores decabelos unhasvermelhas esparadrapos dosdedos baqueta latadetinta bate pá pá pá papá arrasta-no-asfalto trrrú trrrú máscara degás óculosdenatação tênis-em-miniatura pendurado na mala skate batendo na rua, ritmo, uma roda de pessoas acompanha batendo palmas [clap, clap, clap clap] - é música... concreta? Concreta, de asfalto, explica um dos concertistas, a máscara de gás caída em torno do pescoço.

Na outra pista da avenida bloqueada, sem perder o clima de celebração, a trilha sonora é diferente: tambores e berimbaus, pessoas vestidas de branco. Quem não toca bate palmas, acompanhando os passos da capoeira. Um oposto estético ao ruído industrial da lata de tinta. Vinte e duas horas de quinta-feira no centro de Florianópolis, depois de uma noite agitada, manifestantes ainda bloqueiam as pistas da Avenida Paulo Fontes, em frente ao Terminal de Integração do Centro (TIGEN). O clima é de festa. Tem sido de festa desde a noite de segunda e continua sendo de festa no quarto dia de protestos contra o aumento das passagens de ônibus. As mesmas pessoas, na sua maior parte estudantes, vestindo seus casacos, cachecóis, all stars e coturnos e bebendo destilados [cachaça, vodka barata] para se aquecer do frio.

O olhar, generalizante, se perde em estereótipos. Há indies e emos e mini-intelectuais [a turma do cachecol], há hippies e neo-hippies [a turma da capoeira], há a galera do hip-hop, há os punks [poucos], e, claro, comunistas das mais diversas vertentes, além de todo outro tipo de jovem com menos de 25 anos. Sem esquecer os acadêmicos de jornalismo, categoria muito particular de estudantes, para quem a festa não se resume a participar da manifestação, mas sim cobri-la jornalisticamente, andando a frente da marcha e se sentindo um tanto além.

À parte a festa em que grupos tão distintos se completam na massa, houve durante toda noite e ainda há certo clima de tensão no ar. Alguma coisa como uma viatura chegar a qualquer momento para acabar com a brincadeira. Só que as viaturas já estão lá. Em torno dos manifestantes, Policiais Militares começam a organizar um círculo, confinando-os. Oficiais do Pelotão de Policiamento Tático (PPT) e do Batalhão de Operações Policiais Especiais (BOPE), devidamente protegidos, armados e encapuzados esperam algum deslize. Poucos portam o nome no peito. Ainda mais

afastado há também um pequeno pelotão de policiais montados, que giram bastões sobre a cabeça. Se tirarmos todo esse artefato militar, entretanto, resta a festa. Os gritos de ordem e os jingles revolucionários dos (mani)festantes diminuíram nos últimos minutos e o número de pessoas já é bem menor do que há algumas horas, mas volta e meia alguma palavra de ordem ainda é gritada.

Horas antes, quase cinco mil pessoas marcharam pelas ruas do Centro em protesto ao reajuste tarifário que começou no domingo. Desde segunda-feira estudantes, universitários e secundaristas, começaram a construir o ato de hoje, que culminou em um confronto com a polícia. Nem os estudantes e nem os militantes clássicos, estudantes ou não, do Movimento Passe Livre (MPL) assumiram posições de liderança. Os policiais, inconformados, a toda hora questionavam os manifestantes - quem são os líderes? - e ainda disfarçavam as perguntas com discursos do tipo vocês não sabem protestar. Têm que se organizar, explica a um grupo o coronel responsável pela operação policial, ter lideranças, alguém que fale por vocês. Uma filmagem feita durante os protestos e disponibilizada no

YouTube mostra um policial ordenando a seus subordinados que identifiquem possíveis líderes e prendam-nos.

Mais do que nunca, muito mais do que nos protestos semelhantes que ocorreram em 2004 e 2005 [conhecidos como revoltas da catraca], a inexistência de líderes pôde ser comprovada nessa quinta-feira. A cada esquina, milhares de pessoas decidiam, aos gritos, para que lado virar. Ninguém possuía a palavra definitiva a não ser a massa. Foi assim que os manifestantes saíram da frente do TIGEN e caminharam, sem nunca parar de gritar, até a Praça XV - cartão postal de Florianópolis - depois passaram em frente à Catedral e dobraram à esquerda, levando a marcha para as ruas do Centro. Só no fim dessa procissão por ruas longas e estreitas é que resolveram, finalmente, andar em direção à Avenida Mauro Ramos - umas das principais da cidade. Acompanhados, sempre, atrás e ao lado, pela polícia. Havia até uma van da PM que os seguia filmando os movimentos com pequenas webcams da LG para transmitir, via Internet, aos oficiais mais graduados. As conversas com esse oficiais acontecem usando o programa de mensagens instantâneas MSN.

Os manifestantes e a bateria de escola de samba avançavam com seus hinos revolucionários. Entre essas músicas há aquelas clássicas e há criações espontâneas que nascem no seio da luta. No primeiro dia de protestos surgiu uma das mais originais linkando ironicamente o novo shopping de Florianópolis a questões universitárias: um dois três, quatro cinco mil,

Uma jornalista chegou a comentar, eles não vão parar não? Ao que o fotógrafo respondeu: você não queria cobrir o Ironman?

queremos Iguatemi e Moradia Estudantil. Uma que já foi usada à exaustão é Ilha da Magia, ela é do povo, não é da burguesia. As próprias palavras já fora usadas à exaustão. Ainda quanto aos gritos, repasso o seguinte raciocínio: hoje, grita-se para o prefeito, Dário, almofoadinho, dois e quarenta é o quilo da tainha e há dois anos o quilo da tainha [na mesma música e com o mesmo Dário] custava R\$ 2,10. Será que o preço do quilo da tainha acompanha a quase sempre ascendente flutuação dos preços das tarifas?

Em um ponto de ônibus da Mauro Ramos, a publicidade do refrigerante Sprite parecia irônica. O ônibus já vem. Mas vem lotado. Nas janelas, havia todo tipo de reação, da indiferença ao êxtase - para bem e para o mal. Poucas pessoas, ou ninguém, desceram dos prédios para acompanhar a marcha. Nos carros trancados, que tinham que desviar por outras ruas, caras descontentes e buzinas irritadas. Alguns buzinaavam como forma de aprovação. Os estudantes são dos menos prejudicados com o aumento, e são os que mais se importam. No início do ano um decreto restringiu o uso da meia passagem estudantil aos horários em que os usuários estivessem matriculados. Com alguns poucos protestos, consegui-se a revogação.

Já na segunda-feira, primeiro dia de protestos contra o aumento, que entrou em vigor no domingo, houve uma passeata pela Mauro Ramos. Passeata que continuou, infinitamente, até o bairro da Trindade. Naquele dia, uma jornalista chegou a comentar com seu fotógrafo, eles não vão parar não? Ao que ele, muito espirituoso, respondeu: você não queria cobrir o Ironman? O objetivo da marcha pela Avenida sempre pareceu, como na segunda-feira, óbvio: chegar à outra avenida, a Beira-Mar Norte. Impossibilitados pelo forte policiamento de concretizar o fetiche-padrão dos protestos florianopolitanos - trancar o tráfego das pontes Pedro Ivo Campos e Colombo Salles, as únicas

ligações com o continente - essa revolta concentrou-se em tentar bloquear a Beira-Mar Norte. No começo da semana, eles não conseguiram. Foram empurrados e encurralados pela polícia nas calçadas da Avenida, de onde andaram até o campus da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC).

Policiais receberam recomendação de evitar que o tráfego fosse trancado em vias importantes. O Ministério Público estadual publicou um documento, assinando pelo promotor de justiça Alexandre Herculano de Abreu, recomendando à PM que utilizasse todos os mecanismos legais possíveis para evitar o bloqueio das pontes. Com a linha lógica dedicada às pontes - não bloquear o livre trânsito dos moradores -, chegou-se à mesma conclusão sobre a Avenida Beira-Mar Norte. Quando os policiais fizeram uma passeata, no dia 15 de maio, ninguém impediu que eles obstruíssem por uma hora todas as pistas da rodovia SC-401, principal via de acesso ao norte da Ilha, causando filas de alguns quilômetros.

Quando a marcha chegou próxima da Beira-Mar, na altura da Praça Etelvina Luz - também conhecida como banco redondo -, faltando algumas centenas de metros em declive para se chegar ao mar, um pelotão da tropa de choque bloqueava a passagem.

Desviando pela rua paralela, puderam avistar a baía norte, mas também havia um bloqueio. Logo todos estavam espremidos na estreita Alameda Guimarães, com pelotões da polícia nas duas extremidades, e sem ruas perpendiculares para seguir. A tensão foi grande e bombas foram jogadas nos manifestantes, até que recusassem em direção ao banco redondo. Uma vez lá, a PM os cercou de tal forma que o único caminho que podia ser tomado era o retorno pela Mauro Ramos.

Nessa altura houve conflito. Policiais e manifestantes estavam frente a frente, e quando um estudante foi levado para trás da barreira para ser revistado, duas bombas caseiras voaram na direção dos PMs. Em nenhum momento eles se preocuparam em saber se isso se devia a um ato de vandalismo isolado. A tropa de choque avançou atirando balas de borracha indiscriminadamente sobre a multidão. Bombas de efeito moral estouravam no ar e estilhaços acertavam os manifestantes. O gás lacrimogêneo usado estava vencido há seis anos. Alguns policiais se feriram, e muito se falou deles na imprensa. Mas foram vários os estudantes machucados - muitos sem nem desejar o conflito. Na sede do confronto, os policiais acertaram até mesmo uma mulher que caminhava para sua casa e não estava participando da passeata.

Empurrados pela polícia de volta pela Avenida Mauro Ramos, não restou aos estudantes outra opção que não retornar ao TIGEN. Lá, não esboçaram vontade de entrar novamente em confronto com policiais. No caminho, vândalos quebraram janelas de ônibus, lixeiras e atiraram pedras em bancos. Na Praça XV, quando um desses para quem a

Tropas especiais da PM vinham para as manifestações mascaradas e sem portar nome de identificação no peito

festa é muito menos estar na rua do que estar na rua quebrando coisas acertou vidraças do Banco do Brasil, foi reprimido com gritos de sem vandalismo.

Sentados novamente em frente ao terminal, alguns improvisavam, com batucadas em latas de tinta e skates, uma orquestra de ruídos, e outros, com berimbaus e palmas, uma roda de capoeira. Depois da confusão, a festa retornava. Como qualquer festa. Havia, é verdade, aquela atmosfera que fica nas festas após coisas desagradáveis acontecerem. A maior parte daquelas pessoas nunca quis lutar ou apanhar da polícia. A celebração estética para esses é a união, a bagunça controlada, beber com os amigos e conversar com aquela garota bonita com um cachecol roxo. Outros acham que policiais têm que sangrar até a morte. A estética desses é a da balbúrdia, dos vidros despedaçados, das bombas explodindo. Quase a mesma dos policiais.

A massa estética não é só feita pelos estudantes e pelos outros manifestantes, dela faz parte também a polícia. Não há sentido que sobreviva a essa situação. A ênfase na forma não é uma novidade. Nem mesmo essa substituição direta da forma pelo conteúdo. A primeira, mais antiga, encontrou a segunda em outro Maio - o de 1968. Revoltas, e em muito esse tipo característico, as revoltas estudantis, têm sido mais estéticas que qualquer outra coisa. Não há discurso, ideologia, nada que se sobreponha à festa ou à passividade daqueles que apenas observam. Tudo se resume à estética.

Quase no fim da noite, quando o tráfego em frente ao TIGEN já havia sido liberado e pouco mais de vinte estudantes ainda estavam sentados na calçada entre as duas pistas da avenida cercados por policiais, por culpa de um manifestante, que gritava com os PMs, uma massa de fardados investiu sedenta na direção de todos os outros. Eles estão dando um abraço coletivo. A estética da união contra a estética da violência. O coronel responsável precisou gritar AFASTA! AFASTA! VOLTEM PARA SUAS POSIÇÕES!! batendo com o cacete nos escudos da tropa para que os estudantes desarmados se abraçassem não fossem espancados. Para acabar, o mesmo coronel sentenciou em definitivo sobre a noite: Valeu à pena.

Por Renan Dissenha Fagundes



FOTO: LUCAS SAMPAIO/AGÊNCIA FOTOPRESS/ALBINO



O dono da Verdade

Sem dinheiro, Américo fundou seu jornal em Quilombo, cidade de 10 mil habitantes no interior de Santa Catarina

Américo fechou parceria com comerciantes e prefeituras e lançou um jornal semanal. Hoje, a publicação tem impressão própria e sai cinco dias por semana

Américo Pedrosa tinha trinta reais. Pegou emprestado o carro de um amigo e viajou cerca de 70 quilômetros, de Chapecó a Quilombo – cidades do oeste de Santa Catarina –, levando junto a filha Vanessa. Sua esposa, a professora de Geografia Tercila, ficou com o filho Douglas. Não era uma missão fácil para Américo: mudava-se para Quilombo porque lá ia fundar um jornal, investindo no negócio todas as suas três notas de dez reais.

Não tinha sequer alugado uma casa na cidade, não tinha parentes ou grandes amigos morando lá, embora conhecesse a região. Naquela segunda-feira, 15 de janeiro de 2001, Américo instalou-se em um hotel e começou a trabalhar. Conversou com muita gente: ia nas casas ou estabelecimentos comerciais, apresentava seu projeto de lançar um semanário e tentava vender assinaturas ou fechar acordos de apoio. Américo sabe falar com seu público como ninguém: estabelece rapidamente intimidade e seu discurso simples tem grande poder de convencimento. Já nesse primeiro dia de traba-

lho, arrecadou dinheiro para dar a entrada em um computador.

Com a máquina instalada no quarto do hotel, pai e filha fizeram o primeiro número da Folha A Verdade, publicado no dia 19 de janeiro daquele ano. A impressão foi feita em Chapecó, onde Américo conseguiu parceria com uma gráfica, que ganhou assinatura do jornal e aceitou receber pelo serviço depois. Parceria, aliás, é um conceito muito importante no sistema de negócio de Américo. “São os amigos, que

nos ajudaram e ajudam até hoje. As parcerias são fundamentais”, diz. Sem dinheiro, o jornal dificilmente conseguiria prosperar sem apoiadores. Por isso o dono de A Verdade valoriza até hoje seus preciosos anunciantes e assinantes: toma café da manhã e almoça em estabelecimentos que assinam o jornal, abastece o carro no posto de um amigo.

Família unida Quando Américo, hoje

com 50 anos, mudou-se para Quilombo, deixou a esposa em Chapecó. Não era o fim do casamento: Tercila, 47 anos, continuaria dando aulas para garantir uma renda fixa à família. Ela sempre colaborou com os projetos do marido, que conhece desde 1980. Em 20 de dezembro daquele ano, os dois se conheceram em um baile na cidade de Planalto Alegre/SC. Naquela noite não passaram da conversa. Dois dias depois, eram namorados; dois anos depois, marido e mulher.

Em Chapecó, Tercila também trabalhava para o jornal: vendia assinaturas em seu tempo livre. Aposentou-se como professora e foi morar com o marido, mas não ficou por muito tempo em Quilombo. Voltou, arrumou emprego em um banco e com seu salário comprou o carro de A Verdade. “Sempre ajudei muito, da minha maneira. Tiro do meu salário a faculdade dos meus dois fi-

lhos”. Vanessa, 24 anos, vive com a mãe e estuda Educação Física. Douglas, 20 anos, faz Direito em Blumenau.

Portas destrancadas Em Quilombo, a casa de Américo está sempre com as portas destrancadas. O carro também: fica estacionado com vidros abertos e chave no contato. Pode parecer arriscado, mas em uma calma cidade de interior, com 10 mil habitantes, arriscado é investir tudo em um jornal – que cresceu e atualmente sai de terça a sábado.

Só que Américo nunca enxergou A Verdade como um jornal de Quilombo. A cidade, “interior do interior”, foi escolhida justamente por estar próxima a vários municípios pequenos. Nenhum tinha jornal. Foi tudo planejado: “Em um raio de 15 quilômetros, A Verdade chega em 10 municípios; em 45 quilômetros, o jornal atinge 36 cidades e em 90 quilômetros, chega a 65”, explica o dono da publicação. Isso não só permite um bom número de potenciais leitores, mas também de anunciantes. E o que é melhor: órgãos governamentais anunciantes.

Para uma prefeitura, que é obrigada por

Primeiro jornal foi feito com um computador instalado em quarto de hotel

lei a comprar espaço publicitário e divulgar editais e comunicados, escolher um jornal que cobre menos pelo anúncio e atinja a população da cidade é um bom negócio. A Verdade tem contrato com 10 órgãos públicos da região, ou seja, renda mensal garantida.

Reportagem e jogo político A situação tem influência direta no conteúdo jornalístico. Américo visita as prefeituras da região com frequência e tem uma relação íntima com políticos e funcionários. Conversa com todos – o futebol é assunto sempre bem recebido –, toma chimarrão, usa o telefone. Tem acesso rápido a prefeituras e recebe releases de assessores de imprensa da região.

Essa etapa do trabalho ele faz durante a manhã. Acorda, veste uma roupa e entra no Kadett cor de vinho que dirige. O carro é mal-tratado: Américo dirige pelas estradas de terra da região, cheias de pedra, como se estivesse no asfalto. Mesmo no frio mantém os vidros abertos e não usa cinto de segurança – prática comum em Quilombo. Leva sempre uma máquina fotográfica e um gravador para registrar os encontros e entrevistas. Raramente usa caneta e bloco de anotações. O dono do jornal é também o único repórter do veículo e mistura reportagem com jogo político. Não esconde que A Verdade toma partido dos amigos, mas não porque são amigos. Américo garante que faz pelo bem da população: “Meu sonho é apoiar um prefeito bom, pra gente fazer um lugar que atraia gente de todo o mundo”.

Estudar jornalismo é outro grande desejo. Apesar de apurar, fotografar, escrever e editar A Verdade, ele não é formado na área. No ano passado prestou vestibular para Comunicação Social na Unochapecó, em Chapecó, e conquistou uma das 45 vagas do período matutino. Acabou não se matriculando por motivos financeiros: o dinheiro que o jornal gera é todo usado em investimentos no próprio jornal. Ficaria difícil pagar a faculdade.

Jornalista importada Há apenas uma jornalista em A Verdade. Formada há um ano e seis meses na Faculdade de Pato Branco/PR. Liliane Santetti, 24 anos, era secretária da universidade quando surgiu a vaga. Américo ligou para o curso de Jornalismo da instituição para pedir uma indicação e ela candidatou-se ao cargo de redatora-chefe. Mudou-se para Quilombo e ganha o piso salarial de jornalista, R\$1.010,00, e o aluguel da casa onde mora. Liliane seleciona e edita o material de assessoria de imprensa – que compõe boa parte do jornal – e fecha as edições da publicação junto com o dono.

Quem faz a diagramação é Deise Cella, 16 anos, que “aprendeu o trabalho no susto”, ali mesmo. É o primeiro emprego da jovem, que ainda cursa o Ensino Médio. Ela nunca havia usado um software de edição eletrônica, mas soube da oferta de emprego e interessou-se. Redatora e diagramadora trabalham das 14h às 20h. No período da manhã, enquanto Américo está fora, Luana Bertochi, 17 anos, atende aos telefonemas e anota recados. Ela também ajuda o patrão nas tarefas administrativas.

A redação do jornal fica na casa de Américo. É uma sala com três compu-

tadores, impressora e uma imagem de Nossa Senhora de Aparecida. Nas paredes brancas há cartazes proibindo o uso de MSN Messenger e o acesso ao site de relacionamento Orkut. Para uma esquete de três pessoas, a pequena sala é grande o suficiente.

A Verdade tem impressão própria feita em uma solna, espécie de rotativa bem menor e menos avançada. Quem opera o equipamento é Júlio César Vogel, 27 anos, que começa a trabalhar no final da tarde e não tem hora para sair. O gráfico mudou-se de Pato Branco/PR com a mulher e o filho e faz sozinho a impressão do jornal. Bem, às vezes a esposa o ajuda, já que frequentemente leva a criança para ver o pai e passa a noite acompanhando o ma-

rado. Durante a impressão, Américo cochila no sofá de casa, levantando de tempos em tempos para verificar o andamento do processo. Quando as últimas páginas ficam prontas, ele liga para os quatro motoqueiros que distribuem o jornal. Os entregadores, então, ajudam Júlio a dobrar as páginas e saem com a publicação e a levam aos assinantes.

Não há venda em banca. Apesar de trazer impresso na capa o preço de R\$1,50, quem recebe A Verdade em casa paga R\$10,00 por mês pela assinatura – R\$0,50 por edição. Para fazer o tablóide de 12 páginas, capa e contra-capas coloridas, Américo calcula que gasta R\$1.000,00 por dia. O processo de impressão é o que consome mais recursos.

Segundo o dono do jornal, a tiragem de A Verdade é de 3.500 exemplares.

Américo reserva um ou dois por dia para arquivar. O acervo é totalmente físico, ou seja, no computador não fica nada. O histórico exemplar da Folha A Verdade número 1 deveria estar em uma pasta preta guardada em uma edícula, nos fundos da casa-redação. Era sábado, 2 de junho deste ano, quando o dono do jornal ia pegar a pasta. Não a encontrou. Vasculhou depósito, gráfica, escritório, redação. Nada. Ele tem certeza de que foi furto, registrou queixa na Polícia mas por enquanto não obteve nenhum resultado. “É a minha vida que tava ali, cara, num pacote preto. Roubaram um pedaço de mim.”

Por Tadeu Sposito



Júlio opera sozinho a solna da Folha A Verdade e faz a impressão do jornal durante a madrugada (topo); Redação: Américo, Deise e Liliane trabalham no fechamento da edição (esquerda); O Kadett, que roda pelas de terra da região (direita)

Algo em comum e todo um resto de diferença

Denise, Pedro e Thiagus: três vidas distintas.

Além do vínculo com a Universidade, a característica marcante que os une é a mesma necessidade: uma cadeira de rodas

Denise de Siqueira é estudante de Economia da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), moradora da Casa Estudantil e bolsista do Esai (Escritório de Assuntos Internacionais). Loira, de olhos claros, simpática e de temperamento forte, não gosta de falar sobre sua idade — embora aparente pouco mais de 30 anos. Entrou na UFSC em 2004, no curso de Letras (Francês), mas não se adaptou. Natural de São Paulo (SP), Denise deixou a família em 2000 para cursar Relações Internacionais na Univali (Universidade do Vale do Itajaí). Nesse meio tempo, chegou a morar um ano em Brasília em 2003, após conseguir transferência para a UnB (Universidade de Brasília), mas não gostou da cidade nem da universidade e voltou para Florianópolis ao passar no vestibular da UFSC.

Pedro Túna Oppliger Delgado, 21 anos, é estudante de Geografia. Entrou na Universidade no início de 2005 e, após um ano e meio afastado do curso, está terminando a terceira fase. É natural de Porto Alegre, mas mora em Florianópolis com a mãe e a irmã desde fevereiro de 2002. Faz de carro o trajeto Campeche — Trindade todos os dias e sempre almoça em casa. Está sempre no CFH (Centro de Filosofia e Ciências Humanas) e não costuma ir a muitos lugares na UFSC. Quando muito, vai à Biblioteca Universitária.

Thiagus Mateus Batista, 24 anos, também estuda no CFH. Mestrando em Epistemologia e graduado em Filosofia, ele vai à Universidade apenas duas vezes por semana. Thiagus mora em um apartamento de dois quartos na Trindade com a mãe. Dividido seu tempo entre o mestrado, o trabalho no Ministério Público e o namoro de dois anos e sete meses com Rosane, que conheceu na graduação. Está tentando tirar sua carteira de motorista, mas tem se deparado com muitos problemas com as auto-escolas da cidade. Nos momentos de lazer, gosta de ir ao CIC (Centro Integrado de Cultura) e ao shopping Beira Mar.

Enquanto Thiagus gosta de jogar tênis nos tempos livres, o esporte predileto de Pedro é o basquete. Não consegue comparecer a todos os treinos de sua equipe porque a viagem até a Unisul (Universidade do Sul de Santa Catarina), na Pedra Branca, sai muito cara até para um carro a gás. Pedro já chegou a jogar

na Udesc (Universidade do Estado de Santa Catarina), que é muito mais perto, mas não se adaptou ao time e à estrutura. Já a praia da Denise é a natação, esporte que pratica todas as segundas e quartas, das 18h30 às 20h, nas piscinas do CDS (Centro de Desportos). É na UFSC, também, que Thiagus pratica o tênis de campo, quando a chuva resolve não atrapalhar.

Pedro tinha recém ingressado na Universidade. Era 23 de abril de 2005 e ele estava na praia com os amigos. Ao mergulhar, bateu com a cabeça em um banco de areia e desmaiou na hora; seus amigos conseguiram socorrê-lo, o que não impediu que tivesse paralisia instan-

Sem transporte coletivo de qualidade, as opções acabam sendo as mesmas. Nenhum dos três costuma ir às praias, que têm péssima infra-estrutura

tânea. A adaptação à nova vida foi difícil, física e psicologicamente. “Muda a concepção de mundo”, resume em poucas palavras. Então com 19 anos, Pedro tinha acabado de tirar a carteira de motorista e estava na idade em que os jovens costumam mais aproveitar a vida — e isso envolve mulheres, passeios e viagens. Ainda está se adaptando à reação feminina, mas, de acordo com ele, “não é a consideração que elas têm normalmente com homens”. É como se ele fosse uma outra coisa. “É isso é uma das coisas mais difíceis de lidar”.

Entre as reabilitações em Brasília (DF), no hospital Sarah Kubitschek, e os cuidados da família, Pedro ficou um ano e meio afastado da Universidade. “Voltei ao ambiente acadêmico em setembro do ano passado, na primeira fase”. Tem seu próprio carro, se vira sozinho, mas ainda não se adaptou completamente. Mora a 250 metros da praia e, de vez em quando, os amigos o levam lá. Porém, muitos deles acabaram se afastando. “Tem que ter jogo de cintura, porque dificuldade vai ter”.

Denise sofreu acidente de carro quando tinha 21 anos. “Não gosto de falar de coisas que

me lembrem do acidente”. Uma vez, numa aula de nutrição, ela começou a falar sobre o assunto e a garganta travou; o organismo reagiu de uma forma que não conseguiu controlar. Até aí ela achava que não tinha problema em falar do acidente. Denise é daquelas pessoas que usam a dificuldade para se superar. Está engajada em ONGs, projetos e reuniões que tratam do assunto. Faz duas faculdades, uma de manhã e outra à noite, e estagia à tarde. Está programando uma atividade para o próximo semestre, sem data definida. “junto com o pessoal da Arquitetura, Serviço Social e outros” para conscientizar a população das pessoas com direitos especiais. “Mostrar que

perto de casa — menos de 500 metros —, o carro estava em baixa velocidade e o sol estava se pondo. “É como dizem as estatísticas: Perto de casa, a atenção diminui”.

Embora fale de forma extremamente rápida, pondera sobre cada palavra antes de preferi-las. Calmo, centrado, mas de personalidade forte, Thiagus é natural de Lages e veio para Florianópolis com a mãe e o irmão, quando este passou no vestibular para Física. Formou-se em Filosofia pela UFSC e agora está fazendo mestrado. Sua briga atual é com as auto-escolas. Quer tirar a habilitação, mas não há carros adaptados. Uma das escolas chegou a dizer que ele precisava ter um carro próprio para tirar a habilitação. Outra queria cobrar uma tarifa extra por quilômetro rodado. Mesmo nessa indecisão, Thiagus é otimista. “Acho que até o final do ano eu consigo tirar a carteira e comprar meu carro”.

A unanimidade das críticas é transporte coletivo. “Péssimo”, “tragédia” e “piada” são os adjetivos mais usados pelos que dependem dos ônibus. A Transol, empresa responsável pelos bairros universitários e o centro, é sempre a mais lembrada. Durante a semana, quando o número de horários é maior, há um veículo adaptado a cada duas horas, em média. Isso quando o elevador do ônibus funciona. “A cada dez ônibus [adaptados a cadeirantes], são três ou quatro em que o elevador funciona direito”, quantifica Denise. Thiagus é menos pessimista. Para ele, 20% dos ônibus estão com problemas — e são sempre os mesmos. “A Transol tem ônibus de mais de 10 anos de uso que só está rodando por liminar”.

Em comum, o argumento de que o que falta é manutenção. “É o cúmulo da falta de respeito”, reclama Denise. Além dos problemas nos elevadores, a falta de preparo de muitos funcionários — tanto motoristas quanto co-

bradores — é muito citado. Por lei, cadeirantes não pagam passagem de ônibus e, para isso, Thiagus tem a resposta na ponta da língua: “Como é que eu posso pagar por um transporte desses? Para lazer eu não uso ônibus. Se quiser me divertir, pego um táxi. A dor de cabeça de depender de ônibus estraga qualquer diversão”.

Cada um acaba se virando à sua maneira. Pedro, por ter carro próprio, nunca teve que pegar um ônibus desde que ficou paraplégico. Thiagus está tentando tirar carteira de motorista, mas a briga com as auto-escolas atrasa seu desejo de comprar um carro novo. É obrigatório, para cadeirantes, adquirir veículo hidramático. Ape-

nar de ganhar, também por lei, 15% de desconto em qualquer carro, a situação não é das melhores. “Hoje em dia, o carro mais barato automático custa R\$ 54 mil e, com desconto, vou pagar 40. Isso é impossível em um país em que o salário mínimo não chega 400 [reais]”, acrescenta. Denise, já acostumada a pegar ônibus diariamente, não tem paciência para esperar os veículos adaptados e sempre pega o primeiro que passa no ponto. Ela estuda também em uma faculdade paga à noite e tem que pegar ônibus até o continente todos os dias. “Há um ano e pouco atrás nenhum ônibus adaptado circulava na ilha depois das oito da noite e nos finais de semana”.

Banheiro adaptado na UFSC vira depósito de baldes, pano de chão e produtos de limpeza

Não há qualquer programa específico para cadeirantes na Pró-Reitoria de Assuntos Estudantis (PRAE) da UFSC. Apenas quatro vagas na Moradia Estudantil são reservadas aos Portadores de Necessidades Especiais (PNE), cadeirante, cego ou baixa visão. De acordo com a assistente social Lillian Pereira, criar algum programa especial seria uma forma de segregação e preconceito. “O que fazemos é incluí-los nos programas já existentes”. Os que procuram a PRAE em busca de ajuda são encaminhados ao Núcleo de Investigações do Desenvolvimento Humano.

Terésinha Aparecida Ramos, a Tuca, é técnica-administrativa em assuntos educacionais. Sua especialização na área de educação especial e seu talento nato para lidar com pessoas fazem com que praticamente todos os Portadores de Necessidades Especiais (PNEs) da UFSC tenham passado por lá. “À medida que chegam, procuramos ouvir e atender às reivindicações de cada um”. Os próprios bolsistas do projeto são universitários com baixa visão.

As reclamações sobre o campus são poucas. Todos concordam que poderia ser melhor, mas está longe de ser ruim. Quando entrou na UFSC, em 2001, as turmas de Thiagus tinham que ser remanejadas para alguma sala do térreo, já que não existia elevador. “Você imagina como eram as duas primeiras semanas de aula todo semestre? Era preciso falar com todos os professores, explicar a situação e depois tudo se acertava. O problema maior foi na primeira fase, quando eu era calouro — e você sabe, calouro não sabe nada! — e a secretaria do curso ficava no segundo andar do prédio”.

Das cinco empresas responsáveis pelo transporte coletivo da cidade — Canasvieiras, Transol, Insular, Estrela e Emflotur —, apenas a primeira respondeu os e-mails enviando solicitando informações sobre quais linhas tinham veículos com elevador e a relação entre a frota total e o número de ônibus adaptados. Dos 107 ônibus da empresa, sete possuem elevadores para atender cadeirantes e portadores de deficiência física. E, em toda Florianópolis, são 27 veículos adapta-

Sem transporte coletivo de qualidade, as opções acabam sendo as mesmas. Nenhum dos três costuma ir às praias, que têm péssima infra-estrutura. Assim, a diversão acaba se resumindo aos shoppings centers e ao CIC. Para Thiagus,

os shoppings são as melhores opções de lazer por serem os lugares mais adaptados às necessidades dos cadeirantes. Mesmo afirmando isso, ele boicota o shopping Iguatemi, último dos empreendimentos construídos na capital. “Mas aí é por questão ideológica, foi uma decisão minha e da minha namorada”. Um livro chama a atenção em sua estante, *Cem anos de solidão*. Thiagus se revela um admirador de Gabriel Garcia Márquez e, ao se despedir, pergunta: “Imagina um lugar onde choveu durante quatro anos ininterruptamente?”, referindo-se a Macondo, vila onde se passa o romance. “Não conseguiria morar em uma cidade onde as pessoas não conseguem jogar tênis”.

Por Lucas Sampaio



A mais antiga das profissões não perde a atualidade

Suzana, Wendy e Nadir se mudaram para Florianópolis e, por motivos diferentes, passaram a se prostituir

“**N**ão corto cabelo de prostituta”. Suzana Farias, uma morena de cabelos pretos e sedosos, ouviu a frase de uma cabeleireira quando foi com um grupo de colegas de trabalho ao salão de beleza.

Ela nasceu em União da Vitória, no Paraná. Seus pais eram agricultores, mas a menina nunca precisou ajudá-los a trabalhar na roça. Em vez disso, sempre estudara. Com 11 anos de idade mudou-se para Lages (SC). Foi morar com uma amiga para fazer-lhe companhia e ajudá-la a superar o relacionamento ruim que tinha com os pais. A família catarinense era conhecida dos pais de Suzana, que permitiram que a menina fosse embora de casa.

Três anos depois, foi morar em Florianópolis, com sua irmã mais velha. Aos 17 anos de idade, a menina precisava arrumar um emprego. Atraída por um anúncio de jornal e também por uma certa curiosidade, passou a trabalhar como profissional do sexo em uma boate da capital. “No começo é terrível ter que tirar a roupa para um desconhecido. Com o tempo você se acostuma”. A irmã nunca criticou a escolha

“Na cama não penso no cliente, mas sim no que vou conseguir com o dinheiro dele”

Suzana, 29 anos

feita por Suzana. “Ela sempre me apoiou”.

Hoje, com 29 anos, Suzana confessa que seu maior medo é pegar AIDS. Por isso, não aceita fazer programas sem usar preservativo. Além disso, realiza uma série de exames médicos a cada três meses — uma exigência da boate onde trabalha.

A maioria de seus clientes são comprometidos. “Geralmente o casamento está esfriando, e a gente faz o papel de psicólogas deles”. Suzana tem diversos parceiros fixos, que possuem entre 50 e 60 anos de idade, e afirma preferir os homens mais velhos aos jovens. Ela cobra R\$ 150,00 por hora de programa. Essa quantia é embolsada integralmente por Suzana, já que a casa em que trabalha já cobra dos clientes uma taxa de entrada. Entre os bens que já adquiriu

com seu salário estão uma casa e um carro.

O dinheiro que ganha trabalhando também serve para pagar seus estudos. Suzana está terminando o segundo grau e quer ser veterinária. Não gosta da profissão atual: “Quando vou para o quarto com um cliente, não penso nele, penso no que vou conseguir dele”.

Suzana já teve um noivado que durou quatro anos, mas atualmente não tem namorado, pois afirma que a maioria dos homens não aceita sua profissão. Mesmo que deixe de se prostituir, Suzana não pretende se casar, mas sonha em ser “uma boa dona-de-casa”.

Feijão-com-arroz No início tudo era glamour. Era uma diversão, uma verdadeira festa. Aos poucos foi ficando enjoativo, caindo na rotina. Apesar disso, persistiu na profissão, e o que era pra durar um mês, acabou se prolongando e permanece até hoje. Wendy começou a se prostituir com 17 anos de idade por influência de amigas, durante uma viagem a passeio à cidade de São Paulo.

A morena de 23 anos nasceu em Foz do Iguaçu, no Paraná, e desde criança ouvia histórias sobre as praias e outras belezas de Floripa, contadas por sua madrastra. Cresceu sonhando em conhecer a cidade, para onde se mudou em 2001. Aqui, Wendy passou a trabalhar em uma boate de Palhoça, Grande Florianópolis.

Em sua cidade natal, fora babá, cozinheira e empregada doméstica. Porém, o que faturava durante um mês exercendo essas funções, hoje ganha num final de semana como profissional do sexo. Para Wendy, esta é a única vantagem da profissão: o alto lucro, se comparado ao de outros trabalhos. Ela cobra no mínimo R\$ 50,00 por hora.

No entanto, a concorrência para conseguir clientes é muito grande: “Tem gente que faz por R\$ 15,00 a hora pra poder se drogar. A droga ‘queima muito a gente’, eu só uso maconha”. Para Wendy, o envolvimento com drogas é a principal desvantagem da prostituição.

Além disso, nem todos os clientes a tratam bem, e alguns sequer pagam a quantia cobrada por ela. Quem procura seus serviços, geralmente é casado, insatisfeito com o “feijão com arroz” de todos os dias. “Os solteiros e mais novos são mais gatinhos, por isso não procuram tanto. Arranjam mulher mais facilmente, também querem outro tipo de mulher pra ter algum compromisso”.

Amizades não existem quando se trabalha

como profissional do sexo, de acordo com Wendy: “Rola muito dinheiro, concorrência, necessidade mesmo. Não tenho amigas, só colegas”.

Wendy tem um filho de cinco anos, que mora com a avó em Foz do Iguaçu desde 2004. O relacionamento com a família é bom. Os pais não aceitam a profissão da filha, mas já se acostumaram com a situação.

Cozinhar e cuidar de crianças são as atividades de que Wendy mais gosta. Ela sonha em voltar a estudar, “sair da noite” e ter uma casa própria, para não pagar mais aluguel.

De faxineira à prostituta Uma senhora, de 52 anos de idade, muito vaidosa e com um sorriso inocente no rosto caminha pelas ruas do centro de Florianópolis. Quem a vê pela primeira vez imagina que está passeando, fazendo compras ou indo à feira. Ela se senta em um banco em frente ao mercado público e permanece ali, por alguns instantes. De repen-

“Os homens mais velhos é pra gente pegar dinheiro, e os mais novos é pra curtir”

Nadir, 52 anos

te, começa a trocar olhares com um homem, tudo muito discreto, quase imperceptível. Após alguns minutos, se levanta e começa a andar. Alguns metros atrás dela, o tal homem a segue.

Essa cena se repete há cerca de dez anos, quando Nadir começou a trabalhar como prostituta. Veio do oeste do estado para a capital em busca de emprego. No início fazia faxinas e, esporadicamente, se prostituía. Hoje as faxinas são raras, e Nadir ganha a vida como profissional do sexo.

“No início tinha vergonha. Comecei na profissão porque estava passando necessidade, tinha oito filhos pra criar. Hoje compro de tudo pras crianças e pago todas as contas”. Os filhos de Nadir foram frutos de dois casamentos, que acabaram devido à morte de seus companhei-



Aos 52 anos, Nadir “gosta um pouco” da profissão

ros. Depois que veio para a ilha, ela teve mais duas crianças.

Na infância, além de estudar, Nadir trabalhava com os pais agricultores. Percorria cinco quilômetros para chegar à escola, para onde ia a pé, e, às vezes, a cavalo, carregando sempre uma sacola de plástico onde guardava seus livros e cadernos. Quando garota, gostava de estudar e sonhava em ser professora. Mas apesar de sua madrinha ter lhe convidado para morar com ela em Pato Branco (PR) e estudar na cidade, seus pais não permitiram. Depois de um tempo, abandonou a escola.

Nadir incentiva seus filhos a estudarem e não quer que sigam a mesma profissão da mãe. Ela reclama que as filhas vieram para Florianópolis com o objetivo de estudar, mas que algumas se casaram e não estudaram mais.

Nadir afirma gostar “um pouco” da profissão. “Só peguei pessoas boas como clientes até agora”. Ela cobra no mínimo R\$ 20,00 por hora. Aos sábados costuma faturar de R\$ 80,00 a R\$ 100,00. Muitos clientes são fixos, e um deles, de 34 anos de idade, acabou se tornando seu namorado. “Os homens mais velhos é pra gente pegar dinheiro, e os mais novos é pra curtir”.

Nadir sai com o namorado aos finais de semana, e só não mora com ele porque uma de suas filhas não aprova o relacionamento. A profissional do sexo vive com algumas de suas filhas e dois netos. Para se divertir, Nadir frequenta de vez em quando o “Gauchão”, baile que fica perto de sua casa.

Na maior parte das vezes está bem humorada. Nadir usa brincos, colares e roupas de cores fortes, e diz não ter preguiça, nem medo de trabalho. Ela pretende parar de se prostituir e conseguir algum emprego de meio período. “Daqui a uns dois anos”.

Por Ingrid dos Santos

O Gerente, o Fazendeiro e a Cidade

Ricardo vende roupas grife e anda de *Peugeot* de 113 cavalos. Valdemir vende adubo e anda de charrete de um cavalo só - o Tornado. Um trabalha no Iguatemi, o outro numa fazenda

Florianópolis, manhã de uma terça-feira. Depois das duas horas de academia e da aula particular de francês, Ricardo Duarte sai do seu apartamento em Jurerê Internacional para trabalhar no Bairro Santa Mônica; mais especificamente no shopping Iguatemi. Ricardo é gerente de uma das 330 lojas do "mais novo e mais moderno centro comercial e de lazer de Santa Catarina", segundo o jornalista Moacir Pereira. São 95 mil metros quadrados de área construída; sete salas de cinema com dois mil lugares; mais de três mil empregados; faturamento anual previsto em R\$ 350 milhões; uma praça de alimentação com 800 lugares e vista panorâmica para a Avenida Beira-mar Norte, o Morro da Cruz e as cinco vacas de Valdenir Lopes.

Apesar de trabalharem lado a lado, Ricardo e Valdenir têm pouco em comum. O primeiro é mineiro de 43 anos. Vende sapatos, ternos e gravatas de grife e anda em um *Peugeot* 206 com 113 cavalos de potência. O segundo é Manezinho da Costeira do Pirajubaé e tem 40 anos. Vende adubo, bezerro e leite fresquinho e anda em uma charrete de apenas um cavalo de potência - o Tornado.

As terras onde ficam as vacas de Valdenir já estavam no Bairro Santa Mônica, muito antes do Shopping chegar, no tempo em que "o pessoal todo ia para o baile de charrete, de bota e bombachas"; quando "o campo do Avai era o Jockey Club", re-

lembra, suspirando, enquanto alimenta as cinco vacas, o touro Negrão e o cavalo Negrinho, o xodó da família.

O terreno não tem escritura. Seu pai cuidou dele durante 27 anos, mas como ficou doente, Valdenir assumiu a responsabilidade. São cerca de cinco mil metros quadrados de grama - cortada semanalmente para o gado pastar - com duas árvores para fazer sombra aos bichos e uma casinha usada para guardar as ferramentas de jardinagem e a carroça.

A construção do Shopping Iguatemi - inaugurado no dia 16 de abril deste ano - não facilitou a vida do fazendeiro. "O progresso é bom para uns e ruim para outros. Teve um dia que eu quase perdi a cabeça, fiquei três horas parado no trânsito, em cima da carroça, para conseguir sair do sítio". Com o aumento da circulação de pessoas, aumentou também a quantidade de lixo jogado no terreno: "As pessoas acham que só porque tem vaca, é um terreno baldio e jogam muito papel. Eu tenho que queimar tudo para o gado não comer". Além disso, os fregueses das redondezas que compram o leite e o adubo de Valdenir es-

tão vendendo suas casas por causa do trânsito, e a renda vai diminuir.

Bem longe dessa carrada

Entre todas as dificuldades, o que mais preocupa Valdenir é o olho grande: "Imagina uma área destas em um bairro valorizado como este. Está cheio de gente espiando. Daqui não saio tão fácil, eu cuidei disto aqui, mas eu sei que a corda arrebenta do lado mais fraco". O pai de Valdenir nasceu no município de Santo Amaro

da Imperatriz, a cerca de 30 quilômetros de Florianópolis, sua mãe na Freguesia de Ribeirão, no sul da ilha. Desde que seu pai adoeceu, Valdenir segue a mesma rotina, que começa às cinco da manhã. Logo cedo é preciso capinar terrenos baldios para pegar o alimento para o gado. Com a charrete lotada de mato, Valdenir sai do bairro onde mora, no

Monte Verde, e segue para o Santa Mônica. São cerca de oito quilômetros de trote no asfalto e os cascos do Tornado precisam estar bem ferrados. Qualquer deslize e o cavalo sofre.

O capim, algumas vezes misturado com ração, é colocado dentro de uma velha banheira e de uma geladeira quebrada. "É tudo simples, mas bem cuidado!", afirma Valdenir erguendo

a cabeça com um sorriso orgulhoso para a vaca Osquinha, que está prenha e dá quase vinte litros de leite por dia. O produto é engarrafado pela esposa de Valdenir e entregue de charrete de porta-em-porta. Quando sobra tempo, ele faz serviços de jardinagem, limpa terrenos e negocia algum bezerro.

Porém, o que garante o sustento da família e o estudo dos três filhos - Reinaldo de 20 anos, Igor com 10, e o caçula Vitor de quatro anos - é a venda do adubo produzido com as fezes dos animais. Cada saco custa cerca de R\$20,00. É esse dinheiro que Valdemir investe na educação dos meninos, porque mesmo gostando da vida que leva, ele não quer passar isso adiante: "Não tive chance de estudar. Perder a raiz é ruim, meu pai fez isso a vida inteira, mas dou a chance para os meus filhos porque não quero essa vida para eles".

Quando termina a jornada de trabalho, por volta das dez horas da noite, horário em que o shopping fecha e que as ferramentas de jardinagem são guardadas, Ricardo, de *Peugeot*, e Valdenir, de Tornado, voltam para casa. Em meio a tantas diferenças, existe uma semelhança entre eles: o desejo de um futuro tranquilo. Ricardo quer voltar para Minas Gerais, onde nasceu, para viver no interior e comer o bom pão de queijo mineiro longe da cidade grande. Valdenir deseja construir um sítio maior, onde os animais possam viver melhor, "bem longe dessa carrada e dessa casarada".

Por Daniëlla Becker

LUCAS SAMPIVO / AG. ENSAIO FOTODIÁLOGO

Imponente ao fundo, o shopping Iguatemi exemplifica o contraste entre o avanço urbano da cidade e a vida simples de Valdenir e Tornado





Pisando no Cartão Postal

Ironicamente, o responsável pela segurança no lado continental, aos berros incompreensíveis, ordenou que retornassem à ilha pela ponte

Repórter do *Zero Em Revista* se aventura a explorar uma das maiores pontes pênsis do mundo. A sonoplastia era própria de um filme de suspense e a queda significaria morte certa

“Se um cair, todos pulam”. Com este pacto três jovens alcoolizados inauguravam um ritual de invadir o mais famoso cartão postal da cidade de Florianópolis, a ponte Hercílio Luz. O risco da queda existia realmente. Em maio de 2005 a reforma da ponte ainda estava interrompida e os inúmeros buracos ao longo do trajeto possuíam mais de um metro de raio. A forte chuva, que atrapalhava a visibilidade a distâncias maiores de dois metros, não impediu que os garotos pulassem a grade próxima à cabeceira da ponte, aproveitando que o segurança da madrugada dormia.

Ironicamente, o responsável pela segurança no lado continental estava acordado e, aos berros incompreensíveis, ordenou que os três retornassem à ilha por onde haviam vindo, pela ponte. Pela primeira vez na noite, a tensão tomou conta dos rapazes quando, ao voltarem, pensaram ter visto policiais os esperando na entrada da ponte. Não poderia ser pior: invadir um monumento público de

madrugada, portando um galão de vinho, ainda mais quando um deles era menor de idade. Sem rota de fuga, decidiram abandonar o ícone daquela noite — o galão de vinho — e encarar o que estava por vir. Sorrisos e abraços ditaram o fim do ato subversivo ao perceberem que se tratava “apenas do guardinha da madrugada”.

A ponte, uma das maiores pênsis do mundo, teve sua construção iniciada em 14 de novembro de 1922 e foi finalizada em 13 de maio de 1926. A inauguração foi feita numa tarde, também chuvosa, de maio daquele ano e resolveu um antigo problema dos habitantes de Florianópolis: não depender mais de balsas para fazer a travessia da Ilha ao Continente, ou vice e versa. O idealizador do projeto faleceu dois anos antes do término da construção, apenas doze dias depois de inaugurar uma ponte pênsil de madeira, construída na Praça XV especialmente para o ato simbólico. De autoria dos engenheiros norte-americanos Robinson e Steinmann, o cartão postal foi inteiramente construído

com material trazido dos Estados Unidos por uma equipe composta de dezenove técnicos especializados norte-americanos e operários catarinenses.

Um mês após a primeira travessia, os rapazes transformaram a empreitada em uma verdadeira festa. Desta vez foram sete pessoas a se aproveitarem do sono dos seguranças. Sem pudor, pularam a grade gritando e carregando bebidas. Brincadeiras como montinhos eram feitas na própria ponte e sem a chuva puderam ver o real estado de conservação daquela via. Metais tão enferrujados pareciam que se desintegrariam com um simples sopro. Madeiras podres rangiam e compunham trilha e sonoplastia próprias para um filme de suspense com o caminhar de cada um dos aventureiros. Desta vez, o objetivo foi alcançado por completo visto que ninguém se interpôs à chegada de todos ao continente, onde todos puderam cantar, correr pelas ruas e beber ainda mais. O longo caminho da volta foi realizado pela ponte Colombo Sales e a vista das duas torres, que

medem 75 metros a partir do nível do mar, era ainda mais bonita.

O comprimento total da Hercílio Luz é de aproximadamente 900 metros e sua estrutura de aço pesa cerca de 5.000 toneladas. O ponto mais alto do vão central tem 43 metros de altura e, em caso de queda, significaria morte certa, visto que o máximo de profundidade alcançada pelo canal é de dois metros e meio.

O ritual de invasão foi realizado mais três vezes até que na última os jovens foram retirados por policiais armados no alto da ponte. Por meia hora eles conversaram com os oficiais até convence-los a liberarem todos, não sem antes terem suas fichas criminais checadas por rádio. Desde janeiro deste ano a segurança na ponte foi reforçada e a obra está em fase final, impossibilitando qualquer tentativa de invasão. Com data de reabertura prevista para 2010, essas aventuras não poderão se repetir e ficarão apenas na memória de cada um deles.

Por Diego Ribas